

***Benefícios das plantas da capoeira para a
comunidade de Benjamin Constant,
Pará, Amazônia brasileira***



***Montserrat Rios
Regina C. V. Martins-da-Silva
César Sabogal
João Martins
Raimundo Nonato da Silva
Raimundo Ribeiro de Brito
Isaque Matos de Brito
Marluce de Fátima Costa de Brito
José Ribamar da Silva
Raimundo Tomás Ribeiro***

**Benefícios das plantas da capoeira para a
comunidade de Benjamin Constant,
Pará, Amazônia brasileira**

Benefícios das plantas da capoeira para a comunidade de Benjamin Constant, Pará, Amazônia brasileira

Montserrat Rios
Regina C. V. Martins-da-Silva
César Sabogal
João Martins
Raimundo Nonato da Silva
Raimundo Ribeiro de Brito
Isaque Matos de Brito
Marluce de Fátima Costa de Brito
José Ribamar da Silva
Raimundo Tomás Ribeiro



Belém - Pará
2001

Copyright © 2001 por CIFOR, Montserrat Rios¹, Regina C. V. Martins-da-Silva², César Sabogal³, João Martins⁴, Raimundo Nonato de Silva⁵, Raimundo Ribeiro de Brito⁵, Isaque Matos de Brito⁵, Marluce de Fátima Costa de Brito⁵, José Ribamar da Silva⁵ e Raimundo Tomás Ribeiro⁵

Proibida a reprodução total ou parcial desta publicação sem autorização do CIFOR e/ou dos autores. Esta publicação é um produto do Convênio Empresa Brasileira de Pesquisa Agropecuária – Embrapa / Centro para Pesquisa Florestal Internacional – CIFOR, com a colaboração dos pequenos agricultores das comunidades Enfarrusca e Benjamin Constant.

Primeira edição:

Outubro de 2001 (500 exemplares)

Editora Supercoros

Digitação do texto:

Montserrat Rios e Regina C.V. Martins-da-Silva

Editoração e capa:

Jânio Oliveira

Foto da capa:

Capoeira de cerca de 25 anos da comunidade de Benjamin Constant.

© Montserrat Rios

CATALOGAÇÃO NA FONTE DO DESENVOLVIMENTO NACIONAL DO LIVRO

Montserrat Rios; Regina C. V. Martins-da-Silva; César Sabogal; João Martins; Raimundo Nonato de Silva; Raimundo Ribeiro de Brito; Isaque Matos de Brito; Marluce de Fátima Costa de Brito; José Ribamar da Silva e Raimundo Tomás Ribeiro. Benefícios das plantas da capoeira para a comunidade de Benjamin Constant, Pará, Amazônia Brasileira. Belém: CIFOR, 2001.

54 p. il.

ISBN: 85-88808-01-3

Inclui bibliografia.

1. Etnobotânica, 2. Amazônia, 3. Região Bragantina, 4. Vegetação secundária, 5. Pequenos agricultores.

¹Núcleo de Altos Estudos Amazônicos – NAEA

²Herbário IAN da Embrapa Amazônia Oriental

³Centro para Pesquisa Florestal Internacional – CIFOR

⁴Comunidade de Enfarrusca

⁵Comunidade de Benjamin Constant

Sumário

Apresentação.....	7
Prefácio	9
Agradecimentos.....	11
O que são as capoeiras e para que servem?.....	13
Onde se localiza a comunidade de Benjamin Constant?	15
Como surgiu a comunidade de Benjamin Constant?	17
As plantas das capoeiras e seus benefícios	19
Amapá.....	20
Anani.....	22
Bacuri.....	24
Barbatimão	26
Cajú.....	28
Lacre.....	30
Muruci-do-mato	32
Perpétua	34
Piquiá	36
Sapucaia.....	38
Siquiba	40
Verônica-vermelha	42
Glossário	45
Bibliografia citada.....	49
Cenas do cotidiano	51

Apresentação

A capoeira ou sucessão secundária, do ponto de vista do uso de seus recursos vegetais, parecia ser uma espécie de “primo pobre”, no universo da riqueza dos ecossistemas da Amazônia. A partir da década de 80, com o incremento das pesquisas em Etnobotânica, no Norte do Brasil, foi constatado o quanto as plantas da capoeira oferecem de benefícios às populações rurais, especialmente àquelas que manejam esses ecossistemas, porque, através de várias gerações, vêm retendo um extraordinário conhecimento sobre seu uso. Tal constatação trouxe à luz a necessidade imperiosa de se conservar as capoeiras, já que muitos grupos indígenas e comunidades de pequenos agricultores encarregaram-se de conferir-lhe um “status” de utilidade, até então pouco conhecido pelos cientistas.

Assim, dentro do espírito de compartilhar o conhecimento científico com o popular, em prol do bem-estar do ser humano, os autores desta obra apresentam, em boa hora, uma contribuição etnobotânica, relatando parte do saber de uma comunidade bragantina, sobre a utilização das plantas da capoeira.

Valendo-se de um extensivo trabalho de campo, em comunicação direta com a comunidade estudada e alicerçados em uma bibliografia adequada ao assunto, os autores relatam minúcias, sobre 12 espécies vegetais mais freqüentemente utilizadas pelos habitantes da área. A linguagem utilizada para descrever, ilustrar e informar os usos das plantas é clara, concisa, portanto, de fácil entendimento pelo público-alvo, no caso os pequenos agricultores, como também contempla informações valiosas para futuros estudos etnobotânicos, em áreas de sucessão secundária.

A continuação dessa pesquisa é bastante desejável, posto que ao todo foram detectadas quase 200 espécies úteis, confirmando o quanto de informações, sobre os recursos vegetais, ainda, podem ser obtidas, em uma única área pesquisada.

E hoje, quando há uma corrida quase que generalizada para conhecer, manejar e conservar a biodiversidade da Amazônia, visando o desenvolvimento sustentável, nada mais oportuno do que também pesquisar as extensas áreas de vegetação secundária, as quais vêm se revelando como ferramentas básicas para a subsistência dos grupos humanos que dependem dela e de seus recursos.

Ricardo de S. Secco
Curador do Herbário MG
Museu Paraense Emílio Goeldi

Prefácio

Este manual contempla 12 das plantas úteis da capoeira (sucessão secundária) consideradas como as mais importantes pelos pequenos agricultores, sendo uma pequena amostra das cerca de 200 espécies vegetais usadas pela população da comunidade de Benjamin Constant, na Região Bragantina (Estado do Pará, Amazônia Brasileira).

Os objetivos desta obra são valorizar o conhecimento dos pequenos agricultores e demonstrar a importância apresentada pelos recursos vegetais da capoeira.

Do ponto de vista prático, esta obra demonstra como pode ser estabelecida uma relação estreita, entre a ciência e o conhecimento das populações rurais, através da utilização prática dos resultados obtidos, motivando e estabelecendo a restituição do saber para as pessoas que o detêm.

É fundamental destacar que, sem a colaboração dos habitantes locais, não seria possível o diagnóstico das espécies úteis, em uma determinada região; dessa forma, deve-se promover, nos projetos de pesquisa, cada vez mais, uma devolução apropriada dos conhecimentos aos verdadeiros “donos intelectuais” e considerá-los, dependendo das circunstâncias, como co-autores ou colaboradores das publicações geradas, a partir de suas valiosas informações.

Esta obra só pôde ser realizada depois de dois anos de colaboração conjunta, entre pesquisadores e pequenos agricultores que, desde o início, buscaram interesses comuns, executando-a como parte do Projeto de Bosques Secundários PBS, do qual participam pesquisadores do convênio Empresa Brasileira de Pesquisa Agropecuária Embrapa / Centro para Pesquisa Florestal Internacional CIFOR e os pequenos agricultores da comunidade de Benjamin Constant.

O PBS é um esforço de várias instituições de pesquisa nacionais e internacionais, do Brasil, Peru e Nicarágua, para melhor conhecer e valorizar as capoeiras e sua contribuição para os produtores e comunidades rurais. No Brasil, o nome do projeto é “Sustentabilidade dos recursos naturais, através da geração de benefícios da floresta secundária, em áreas de agricultores no Nordeste Paraense”. O objetivo deste projeto é identificar opções de manejo de capoeiras que gerem benefícios suficientes para estimular os pequenos produtores a manter e manejar essas áreas de maneira sustentável, gerando melhoria na renda econômica das comunidades rurais e incrementando os benefícios ambientais para a sociedade. A área de trabalho do projeto, iniciado em 1997, compreende os municípios de Bragança e Capitão Poço. Um dos estudos que vem sendo desenvolvidos, como parte do projeto, é sobre a etnobotânica dos recursos vegetais da capoeira, sendo o presente manual o primeiro produto resultante.

A informação etnobotânica contida nesta obra foi obtida a partir de uma minuciosa coleta de plantas úteis, feita em colaboração com os pequenos agricultores, em diferentes estágios de vegetação secundária (capoeirinhas, capoeiras e capoeirões).

Os autores esperam que esta publicação incentive a valorização das plantas da vegetação secundária e desperte o interesse das gerações jovens da comunidade em apreender com seus pais e avós, sobre o conhecimento de seus ancestrais, para continuar transmitindo-o aos seus descendentes.

Este manual apresenta informações sobre um grupo restrito de plantas encontradas freqüentemente nas capoeiras, que são usadas, localmente, principalmente na alimentação e na medicina. A informação disponível na literatura, para a maioria delas, é limitada, tal fato dificultou ampliar as referências, sobre aspectos da ecologia e dos usos em outras regiões. Espera-se que mais recursos úteis das capoeiras possam ser descritos em futuras obras, integrando os conhecimentos tradicionais com resultados de mais pesquisas.

Dentro deste contexto, este manual é uma contribuição que servirá para realizar treinamentos de pequenos agricultores, estudantes e cientistas; incentivar pesquisas de etnobotânica das populações rurais amazônicas; estudar as curas tradicionais com plantas medicinais e os valores nutritivos dos alimentos silvestres; investigar com mais profundidade os recursos vegetais da capoeira e desenvolver programas, enfatizando a importância da preservação e restituição justa do conhecimento tradicional para quem o detém.

Agradecimentos

A execução deste estudo, dentro do projeto PBS, foi possível graças aos auspícios do Projeto de Apoio ao Desenvolvimento de Tecnologia Agropecuária para o Brasil PRODETAB, financiado pelo Banco Mundial e o governo brasileiro, sendo seus executores a Embrapa Amazônia Oriental, a Faculdade de Ciências Agrárias do Pará FCAP, o CIFOR Belém e o Centro Agrônomo Tropical de Pesquisa e Ensino CATIE na Costa Rica.

Os autores agradecem ao projeto *Dendrogene* (Conservação Genética em Florestas Manejadas na Amazônia), objeto da Cooperação Bilateral Brasil/Reino Unido (Embrapa Amazônia Oriental e "Department for International Development"-DFID), pelo apoio financeiro recebido para a diagramação desta publicação.

Ao parataxônomo Sr. Manoel dos Reis Cordeiro, pelo auxílio na identificação das espécies e seus valiosos comentários sobre a descrição das mesmas.

Ao Naturarzt Natale Ferronato da Sociedad Naturista Suiza, médico naturalista, pela contribuição no diagnóstico de várias doenças e por conferir a posologia correta das plantas medicinais.

Ao Dr. Ricardo S. Secco, do Depto. de Botânica, Museu Paraense Emílio Goeldi; Dr. Iran Veiga, do Núcleo de Estudos Integrados sobre Agricultura Familiar – NEAF; M.Sc. Tamar Bajgielman, da University of Kent at Canterbury, Grã-Bretanha; M.Sc. Viviane Stern da Fonseca, do Jardim Botânico do Rio de Janeiro e um revisor anônimo, pelos valiosos comentários ao manuscrito final.

À Licenc. Maria de Nazaré Magalhães dos Santos, do Comitê de Publicação da Embrapa Amazônia Oriental, pela minuciosa revisão gramatical do texto.

Ao M.Sc. Antônio Elielson Sousa Rocha, do Depto. de Botânica, Museu Paraense Emílio Goeldi; Licenc. Danielle Silva, do Jardim Botânico do Rio de Janeiro e Licenc. Silvia de Lima Cordeiro, pela elaboração das ilustrações das plantas.

Ao Laboratório de Análises Espaciais do Núcleo de Altos Estudos Amazônicos da Universidade Federal do Pará, pela elaboração do mapa da área de estudo.

Um agradecimento especial pela colaboração desinteressada, durante a compilação da informação etnobotânica, a todos os habitantes da comunidade de Benjamin Constant, destacando-se os seguintes:

Adimilson Pereira da Silva	Gertrudis Maria da Silva
Angelina Brito dos Anjos	Jorge Cardoso dos Anjos
Antônia Lindalva Brito Raiol	José Fernandes de Brito
Antônio Gomes Ferreira de Sousa	José Augusto Matos de Sousa
Belarmino Coutinho de Assis	José Ribeiro de Brito
Benedita Ribeiro de Brito	Josias do Socorro Sousa
Benedito Pereira Nunes	Marcelina Borges de Assis

Maria Benedita Matos de Sousa
Maria do Carmo Borges
Maria Eronildes Borges Viçosa
Maria Lúcia Fernandes Sousa
Maria Paula Fernandes Sousa

Maria Vadirene Ribeiro da Silva
Manuel de Nazaré Sousa
Osmarina Sousa Nunes
Sebastião Fernandes de Sousa
Terezinha de Jesus Fernandes da Costa

O que são as capoeiras e para que servem?

Capoeira é uma palavra tupi-guarani, atualmente usada para identificar a vegetação secundária que se forma após a roça ou pasto (Denich 1986; Denich e Kanashiro 1995; Cunha 1998). Geralmente, o pequeno agricultor deixa crescer a capoeira para que a terra possa recuperar seus nutrientes até ter condição de ser novamente cultivada.

Dependendo do tamanho e desenvolvimento da vegetação secundária, os pequenos agricultores podem diferenciar vários tipos de vegetação secundária, como: capoeira fina, onde dominam ervas, arbustos e cipós; capoeira, estágio mais avançado de desenvolvimento, observando-se mudas de árvores pioneiras no sub-bosque e menor quantidade de ervas e arbustos; capoeirão, capoeira grossa ou capoeiraçu, com vegetação em um desenvolvimento mais avançado, possuindo árvores pioneiras, que atingem geralmente mais de dez metros de altura.

A idade e o grau de desenvolvimento da capoeira estão relacionados a fatores, tais como a história de uso anterior da terra, a fertilidade do solo, a vegetação original e a distância de fontes de sementes. Porém, dependendo do manejo aplicado, o grau de desenvolvimento pode ser alterado. A tendência é que capoeiras de mais idade tenham maior diversidade de usos potenciais e maior valor relativo dos produtos comerciais. Por exemplo, estudos do projeto PBS, desenvolvidos na região, demonstram que capoeiras de cinco a dez anos de idade apresentam uma média de 25 árvores por hectare, principalmente de interesse madeireiro, apresentando baixo valor comercial ou potencial, incluindo o uso como madeira roliça, para construção rural e para cabos de ferramentas; verifica-se, ainda, possibilidade de utilização de cerca de 40% das árvores para lenha.

Capoeiras antigas contêm uma densidade várias vezes maior de árvores com potencial comercial, como é o caso da ocorrência de bacuri (*Platonia insignis* Mart., Clusiaceae) e de sucupira-amarela (*Bowdichia nitida* Spruce ex Benth., Fabaceae).

Atualmente, as capoeiras são vegetação predominante na paisagem do Nordeste Paraense. Estima-se, inclusive, que 30% das áreas da Amazônia, que tiveram floresta madura (mata alta) removida, estão recobertas, atualmente, por capoeiras. Um grande número de famílias que sobrevivem da agricultura de subsistência depende do efeito de recuperação dos solos, resultante do crescimento da capoeira.

No período de pousio (descansando a terra), surgem as capoeiras, servindo para muitas finalidades, como: abrigo de animais (cotia, paca, tatu e veado); produção de madeira para construção (casas, barracas, currais, chiqueiros); plantas úteis para fabricação de remédio, além de frutos, cipós e fibras para confecção de paneiros, peneiras e outros utensílios de uso doméstico.

As capoeiras são importantes também para ajudar a conservar o ambiente (os chamados serviços ambientais ou ecológicos), apresentando outros benefícios para a comunidade, na forma de conservação dos solos, dos igarapés e da diversidade de plantas e de animais, além da redução de pragas.

O potencial de utilização das capoeiras não reside apenas no corte e queima para estabelecer cultivos anuais, mas no manejo sustentado de seus recursos vegetais, o que proporcionaria mais benefícios para o pequeno agricultor e para a comunidade, além de justificar a manutenção da capoeira por maior tempo. Manejar é zelar, cuidar das capoeiras, protegê-las contra o fogo, privilegiar certas espécies, plantar outras e retirar produtos de acordo com a capacidade de produção, evitando, assim, o esgotamento dos recursos.

Onde se localiza a comunidade de Benjamin Constant?

A comunidade de Benjamin Constant pertence ao Município de Bragança, ocupando os vales dos rios Tijoca e Urumajó, localizando-se a Leste da Região Bragantina e a 25 km a Sudeste da cidade de Bragança (Penteado 1968), nas coordenadas geográficas 01°11'22" de latitude Sul e 46°40'41" de longitude Oeste de Greenwich (Figura 1).

As características climáticas do Município de Bragança, em geral, correspondem às da Região Bragantina, apresentando temperatura média anual de 25-26 °C (variando entre 18 e 33 °C), umidade relativa do ar de 80 a 91% e pluviosidade anual de 2.200 a 3.000 mm (IBGE 1983). Os solos são ácidos e/ou fortemente ácidos, de boa drenagem por serem permeáveis e de baixa fertilidade natural por serem Latossolo Amarelo (IBGE 1983; Reis 1992).

Quanto à vegetação, existem registros de que o Município de Bragança era recoberto, até há um século, por uma floresta madura perenifólia característica da Amazônia, a qual foi devastada, quando iniciou a colonização da região (IBGE 1983).

Nos anos 60, Falesi *et al.* 1967 descreveram a cobertura vegetal da Região Bragantina como correspondendo a transição entre o litoral, a Região Amazônica e o Brasil Central, estando representada basicamente por floresta madura, capoeira, várzea, tijuco (manguezais), dunas, campina (áreas abertas dominadas por gramíneas) e campos (áreas de solo arenoso pobre, coberto por herbáceas e arbustos quase raquíticos). Além disso, foi descrita a existência de ilhas de vegetação madura, compostas por diversas espécies de palmeiras, sendo as mais comuns o babaçu (*Orbignya* spp.), o tucumã (*Astrocaryum* spp.) e o buriti (*Mauritia flexuosa* L. f.).

Atualmente, a paisagem se caracteriza pela predominância de sistemas agrícolas, combinados com capoeiras em vários estágios de sucessão (Falesi *et al.* 1967; EMBRAPA-IPEAN 1975; Denich 1991; Hondermann 1995), especialmente no planalto costeiro.

A cobertura vegetal da comunidade de Benjamin Constant encaixa-se, em termos gerais, na vegetação do planalto costeiro do Município de Bragança. Nessa localidade, encontram-se capoeiras em diferentes estágios de sucessão, buritizais, açazais e vegetação característica de planícies aluviais inundadas temporária ou permanentemente, sendo óbvio que por sua localização, no interior da Região Bragantina, está ausente a vegetação fluviomarina.

Para este estudo, utilizou-se a classificação da sucessão secundária proposta segundo a ótica dos pequenos agricultores, porque são possuidores de alta percepção, que os permite reconhecer, denominar e distinguir três diferentes estágios: que são capoeirinha ou capoeira fina (sucessão inicial), capoeira (sucessão intermediária) e capoeirão, capoeira grossa ou capoeiraçu (sucessão avançada).

Cada um desses estágios de sucessão secundária é identificado pela localização, composição florística, altura das plantas ou da comunidade vegetal, tamanho e diâmetro das árvores, ausência ou presença de certas espécies indicadoras que determinam a estrutura da vegetação e os diferentes estratos, próprios de cada etapa sucessional.

Destaca-se a forma própria dos pequenos agricultores para classificar e denominar de forma diferente os três estágios de sucessão secundária, pois demonstra que, para este grupo humano, a vegetação tem um valor cultural importante e ocupa um lugar vital dentro das estratégias de subsistência.

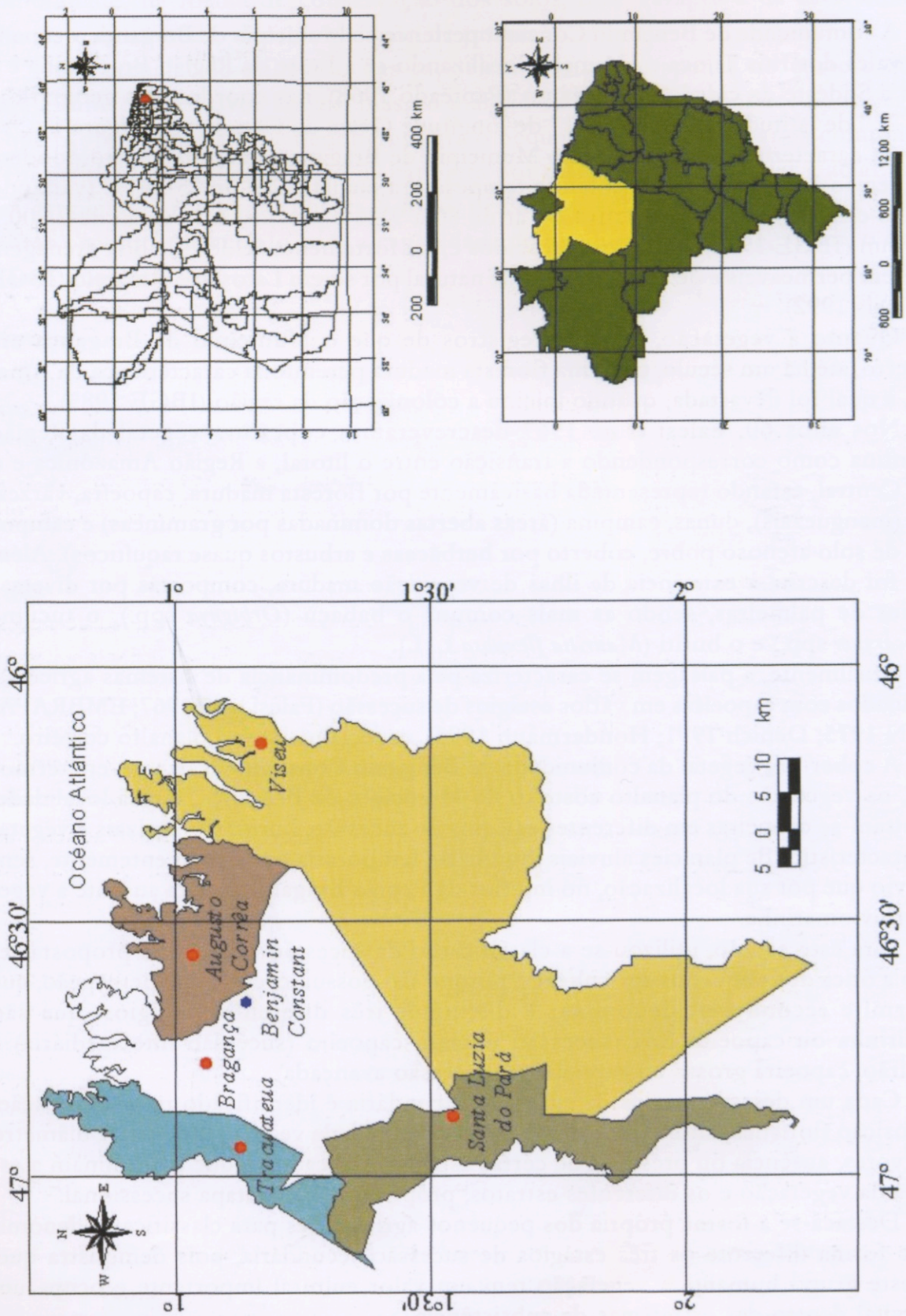


Figura 1. Localização geográfica do Município de Bragança (Estado do Pará)

Como surgiu a comunidade de Benjamin Constant?

De acordo com os dados históricos, a comunidade de Benjamin Constant foi fundada como núcleo agrícola da colônia em 1884, época em que se iniciava a colonização da Região Bragantina, tendo, como linha base, o caminho que levava à Vila de Tijoca, onde foram traçadas transversais que separavam os vales Urumajó e Tijoca, delimitando-se logo os 85 lotes de 25 hectares; alguns deles inclusive com casas construídas que foram concedidos aos imigrantes europeus, principalmente espanhóis (Penteado 1968).

Aparentemente, as primeiras famílias espanholas chegaram a Bragança em 1897, em barcos a vapor, partindo, em seguida, para a comunidade de Benjamin Constant; primeiro pelo rio Caeté até Araçateua e, a partir deste lugar, percorrendo o último trecho em carro de bois, por um caminho terrestre que levava ao núcleo da colônia recém-fundada. Quando as famílias chegaram a essa localidade, foram hospedadas em barracas feitas com folhas de palmeiras, onde cada família se alojava em um quarto e recebia alimentação e assistência médica, até ser levada ao lote que lhe era destinado (Penteado 1968).

A partir de alguns relatos orais dos primeiros imigrantes, mencionados por Penteado (1968), as casas onde viviam os imigrantes eram completamente rudimentares, pois eram fabricadas com tábuas de madeira presas com lianas e localizadas no centro de uma clareira de bosque natural, onde a luz solar só chegava ao meio dia.

Pelo que se refere à agricultura, quando chegavam, as famílias de imigrantes tinham que começar a plantar mandioca e preparar farinha em fornos construídos pela administração, na proporção de um forno para cada sete famílias. Toda produção de farinha era vendida a um comerciante local, que possuía sete embarcações que levavam o produto até Belém ou Manaus, obtendo grandes lucros, uma vez que essa situação se dava na época áurea da borracha e existia um grande capital circulante (Penteado 1968).

Este sistema de exploração dos colonos espanhóis funcionou bem durante três anos, visto que eles recebiam o sustento em troca de fazer farinha. Porém, quando esse sistema foi abolido, os colonos que tinham alguma profissão emigraram para Bragança ou Belém para trabalhar como pequenos comerciantes, sapateiros, alfaiates, ferreiros ou pedreiros, sendo esses os principais ofícios que desempenhavam. A grande verdade é que lhes faltava preparo para serem agricultores em um ecossistema tropical e não sabiam como manejar os recursos naturais do meio (Penteado 1968).

O núcleo Benjamin Constante foi praticamente uma colônia fechada, habitada apenas por espanhóis até 1900, ano em que iniciou a chegada dos nordestinos, trazidos por iniciativa do governo do Estado, para colonizar as terras de Bragança. Assim, em 1902, viviam nessa localidade 2.551 colonos; dos quais 1.799 eram brasileiros e

712 estrangeiros. Nessa época, chegou a ser o maior núcleo da colônia, tanto em número de colonos nacionais e estrangeiros introduzidos, como em número de lotes distribuídos. Em 1908, o número de lotes ocupados chegou a 559 e o assentamento em que viviam foi alterado com a construção da ferrovia até Bragança (Penteado 1968).

Em 1967, a situação da comunidade de Benjamin Constant se transformou completamente, pois foi convertida em um lugar, onde os trabalhadores nacionais quase não prosperavam, pela falta de cuidado que davam à agricultura. Os colonos espanhóis, que não tinham vocação agrícola, emigraram, e os que permaneciam, a duras penas, tinham pouco capital para investir na agricultura e movimentar o comércio em Bragança (Penteado 1968).

Na época atual, ainda persiste um assentamento de mais ou menos 150 famílias de pequenos agricultores, que têm uma média de quatro a oito filhos e vivem basicamente dos produtos da roça e da venda de farinha a intermediários na cidade de Bragança (Costa de Brito com. pess.).

As plantas das capoeiras e seus benefícios

Existem evidências arqueológicas e ecológicas de que as capoeiras, na Amazônia, têm sido altamente valorizadas pelas populações humanas, historicamente residentes na região, uma vez que são capazes de prover produtos vegetais que auxiliam na subsistência (Balée 1987). Tal fato tem repercutido muito, fazendo com que dentro do cenário atual das florestas amazônicas se valorize esta vegetação em níveis social, econômico e ambiental, porque se modificou a concepção de que a floresta vale mais cortada e queimada, para retirada de madeira e implantação de pastagens, do que em pé e viva.

Atualmente, a vegetação secundária, em cada uma de suas diferentes etapas (capoeirinha, capoeira e capoeirão), é capaz de prover inúmeros recursos, tanto às populações tradicionais como aos pequenos agricultores. Isto acontece através das plantas comestíveis, medicinais, corantes, madeireiras, têxteis, tóxicas, taníferas, ornamentais e rituais, dentre as mais importantes, sendo capazes de fornecer inúmeros produtos, como frutos, tubérculos, látex, óleos, fibras, resinas, gomas, bálsamos, condimentos, ceras e celulose; e que, inclusive, poderiam ser comercializados no futuro, quando houver um mercado receptivo para eles.

No caso dos pequenos agricultores da comunidade de Benjamin Constant, que reconhecem cerca de 200 espécies de plantas úteis, que ocorrem na vegetação secundária, muitas dessas apresentando usos múltiplos, onde a elaboração deste manual torna-se uma prova de valorização do saber tradicional desse grupo humano. Deste modo, este trabalho apresenta 12 plantas úteis, ordenadas alfabeticamente de acordo com os nomes populares, as quais foram escolhidas de acordo com o critério local de intensidade de uso e frequência de distribuição. Esta publicação também tem como objetivo promover o cuidado dos recursos vegetais que menciona, assim como despertar o interesse pela conservação de outros mais que fazem parte da etnobotânica local.

Para cada uma das 12 plantas, apresentam-se as seguintes informações: nome popular, nome científico, família botânica, outros nomes populares na Amazônia, informações para reconhecer a planta no campo, parte usada, usos, modo de preparar, como usar, quanto é utilizado, advertências, onde é encontrada e como é usada em outros lugares da Amazônia. Neste último caso, foram incluídas informações tanto da bibliografia, como das amostras de plantas que foram revisadas no Herbário do Jardim Botânico de Nova York, colocando-se o sobrenome dos coletores e o número de coleção, seguidos da sigla do Herbário (NY). Ao final do texto, apresenta-se um glossário que auxilia na compreensão de alguns termos.

Amapá

Nome científico: *Parabancornia amapa* (Huber) Ducke

(Figura 2)

Família: Apocynaceae

Outros nomes comuns: Amapá-amargoso, Amypa, Mampa ou Sorva-maparajuba

Como é a planta?

É uma árvore que pode atingir cerca de 35 metros de altura; nas capoeiras analisadas, foram encontradas, variando entre 15 a 20 metros; quando cortada, apresenta leite branco em abundância, com sabor amargoso e exala um cheiro de vagem. As folhas são opostas, com cerca de 6 a 12 cm de comprimento por 2 a 4 cm de largura, simples, oblongo-elípticas, com ápice acuminado e base aguda, margem inteira, lisas em ambas as faces, nervuras secundárias distantes uma da outra cerca de 0,5 cm, pecíolo com aproximadamente 0,5 cm de comprimento. A inflorescência tem forma de corimbo; as flores são amarelas bem claras, quase brancas, muito pequenas com cerca de 0,3 cm de comprimento. O fruto é globoso, medindo cerca de 8 cm de diâmetro, violáceo, polpa amarelo-alaranjada; a semente é elíptica, achatada, com 8 a 10 por fruto, com cerca de 1,5 cm de comprimento.

Parte usada: o leite (látex).

Usos: 1. Vermes, 2. Fígado, 3. Diarréia, 4. Inflamação de estômago, 5. Gastrite, 6. Peito aberto e 7 Anemia.

Como se prepara? Quanto e como se toma?

Em todos os casos, toma-se uma “colherzinha” de leite (látex), três vezes ao dia, antes das refeições, durante nove dias.

De acordo com algumas tradições locais, o leite deve ser extraído na lua cheia, sendo necessário primeiro pedir permissão à árvore, assim como não olhar para cima quando está sendo extraído. Quando não se cumpre esses requisitos, na próxima vez não se obterá nada.

Outros relatos da população especificam que o leite não sai, quando a esposa da pessoa, que está tentando retirá-lo, está grávida.



Advertências

O leite é amargo e, em certas ocasiões, pode ser tóxico, logo a ingestão tem que ser realizada com muito cuidado e, caso ocorram sintomas como mal-estar estomacal ou náuseas, deve-se interromper, imediatamente, o tratamento.

O tratamento não deve se prolongar por mais de nove dias.

Onde se encontra?

Na capoeira grossa.

Como se usa em outros lugares da Amazônia?

O fruto é comestível (Milliken *et al.* 1992).

O leite é usado para tratamento de vômito (Balée e Ribeiro 2895, NY), infecções da pele (Tiwari e Mengharini 167, NY), tratamento de úlceras internas, dor de estômago, hepatite e sífilis (Ribeiro *et al.* 1999), doenças dos pulmões e como fortificante (Rodrigues 1989; Berg 1993).

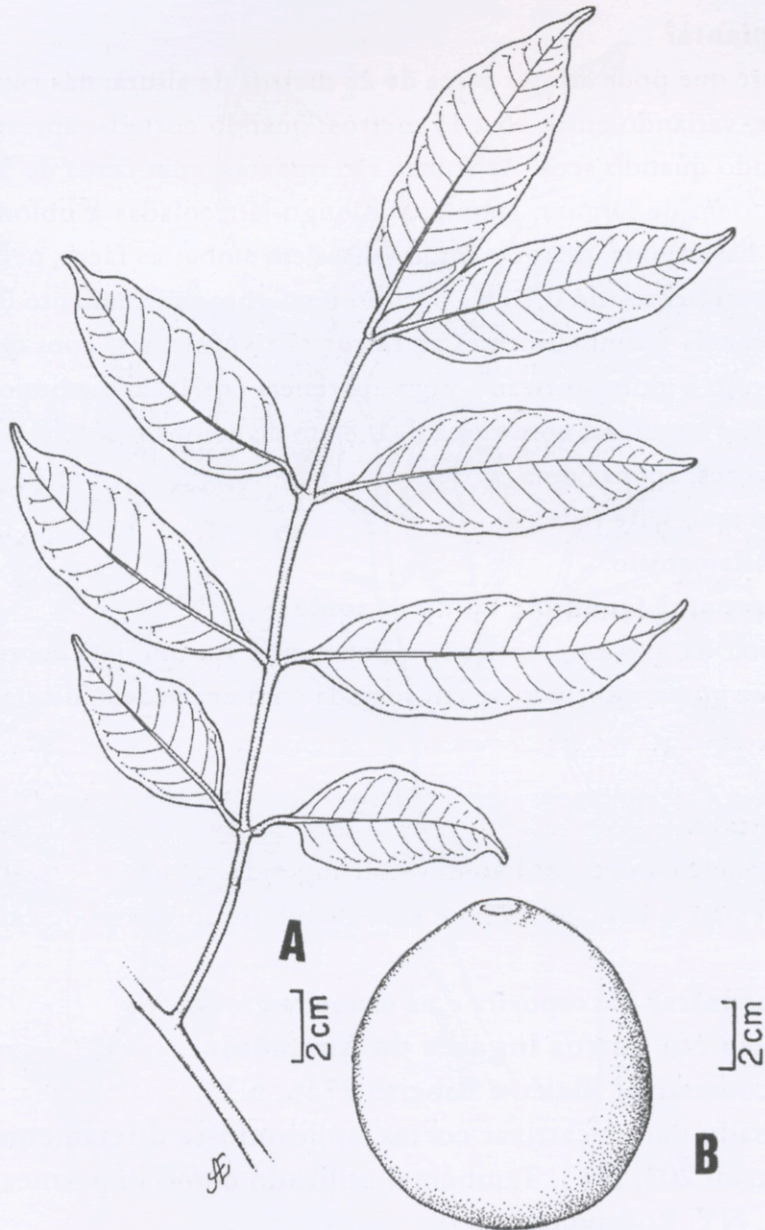


Figura 2. Amapá, *Parahancornia amapa* (Huber) Ducke
A. Ramo com folhas. B. Fruto.

Anani

Nome científico: *Symphonia globulifera* L. f.

(Figura 3)

Família: Clusiaceae

Outros nomes comuns: Guanandi, Iraty ou Uanani

Como é a planta?

É uma árvore que pode atingir cerca de 25 metros de altura; nas capoeiras analisadas, foram encontradas, variando entre 10 a 15 metros; quando cortada, apresenta um leite bem amarelo, escurecendo quando seca. As folhas são opostas, com cerca de 5 a 15 cm de comprimento por 2 a 6 cm de largura, simples, oblongo-lanceoladas a oblongo-elípticas, com ápice acuminado e base aguda, margem inteira, lisas em ambas as faces, nervuras secundárias distantes uma da outra cerca de 0,1 cm, pecíolo com aproximadamente 0,5 cm de comprimento. A inflorescência é umbeliforme; as flores são vermelhas, com cerca de 2,5 cm de comprimento. O fruto é globoso-ovado, com aparência coriácea, medindo cerca de 2 cm de diâmetro; a semente é angulosa, com cerca de 0,8 cm de comprimento e em número de 2 a 3 por fruto, muitas vezes, apenas uma.

Partes usadas: o leite (látex).

Uso: anti-inflamatório.

Como se prepara? Quanto e como se toma?

O leite fresco da árvore é aplicado diretamente no umbigo do recém-nascido, em doses de cinco a dez gotas, cobrindo-se em seguida com um pedaço de algodão, durante, no máximo, dois dias.



Advertências

O leite é tóxico, portanto não deve ser ingerido.

Deve-se evitar o contato do leite com os olhos, porque pode causar cegueira.

Onde se encontra? Na capoeira e na capoeira grossa.

Como se usa em outros lugares da Amazônia?

O fruto é comestível (Balée e Ribeiro 2756, NY).

O leite é usado para cicatrizar cortes, aplicando-se diretamente na área afetada (Tiwari e Mangharini 203, NY). Também é utilizado como impermeabilizante de barcos (Ducke 7968, NY; Rodrigues 1989).

A casca é queimada e as cinzas são usadas para cicatrizar feridas (Schultes 1983).

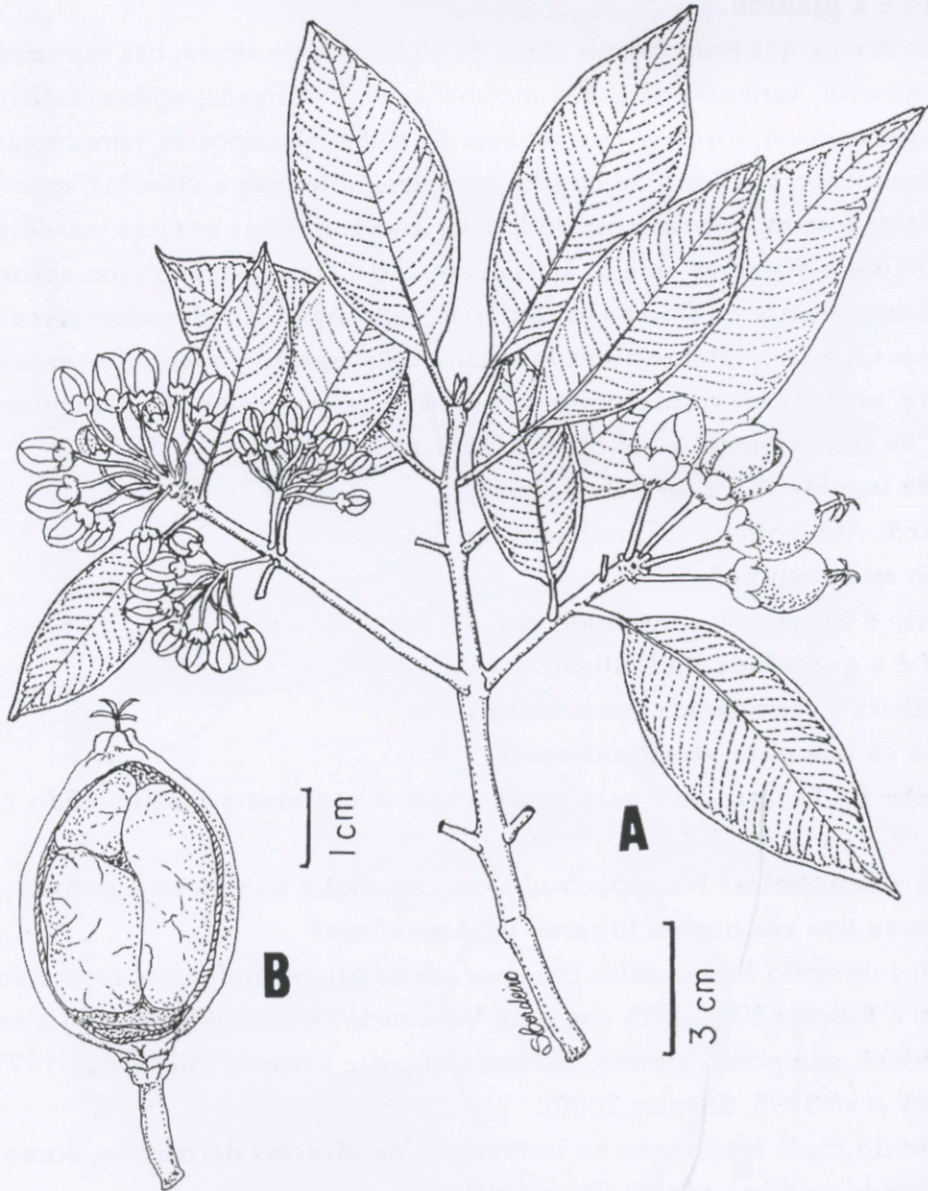


Figura 3. Anani, *Symphonia globulifera* L. f.
 A. Ramo com folhas, inflorescência e infrutescência. B. Fruto com sementes.

Bacuri

Nome científico: *Platonia insignis* Mart.

(Figura 4)

Família: Clusiaceae

Outros nomes comuns: Bacurizeiro, Bacuri-açu ou Pakury

Como é a planta?

É uma árvore que pode atingir cerca de 30 metros de altura; nas capoeiras analisadas, foram encontradas, variando de 2 a 6 metros; quando cortada, apresenta leite vermelho-amarelado, que ao secar, torna-se cristalizado. As folhas são opostas, com cerca de 5 a 10 cm de comprimento por 5 a 7 cm de largura, simples, oblongas a elípticas, com ápice e base agudos, margem inteira, ligeiramente ondulada, lisas em ambas as faces, nervuras secundárias muito próximas, distantes uma da outra cerca de 0,1 cm, pecíolo com aproximadamente 0,7 cm de comprimento. As flores são solitárias, rosa-avermelhadas, com cerca de 3,5 cm de comprimento. O fruto é globoso-ovado, amarelo-esverdeado, medindo cerca de 10 cm de comprimento, possui uma resina muito espessa e pegajosa; a semente é angulosa, com cerca de 4 a 6 cm de comprimento e em número de 1 a 5 por fruto.

Partes usadas: 1. Fruto e 2. Madeira.

Usos: 1. Alimentício, 2. Combustível e 3. Caça.

Como se consome?

O fruto é agridoce e consumido cru.

Qual é a qualidade da lenha?

A madeira é considerada como lenha forte.

Como se usa para atrair animais?

O fruto do bacuri serve para atrair, caçar e capturar animais, sendo colocado nas armadilhas.

Onde se encontra? Na capoeirinha, na capoeira e na capoeira grossa.

Como se usa em outros lugares da Amazônia?

A polpa do fruto é consumida crua por vários grupos indígenas amazônicos, tanto no Brasil (Balée e Ribeiro 3026, NY) como na Venezuela (Zent 0685-11, NY) e serve também para fazer doces, compotas, cremes, sorvetes, sucos e xaropes (Silva *et al.* 1977; Rodrigues 1989; Shanley *et al.* 1998, Shanley 2000).

O leite do fruto é utilizado no tratamento de diversas dermatites, como eczemas ou herpes, aplicando-se como tópico (Berg 1993).

A madeira é usada em vigamentos, carpintaria, marcenaria e estacas (Silva *et al.* 1977).

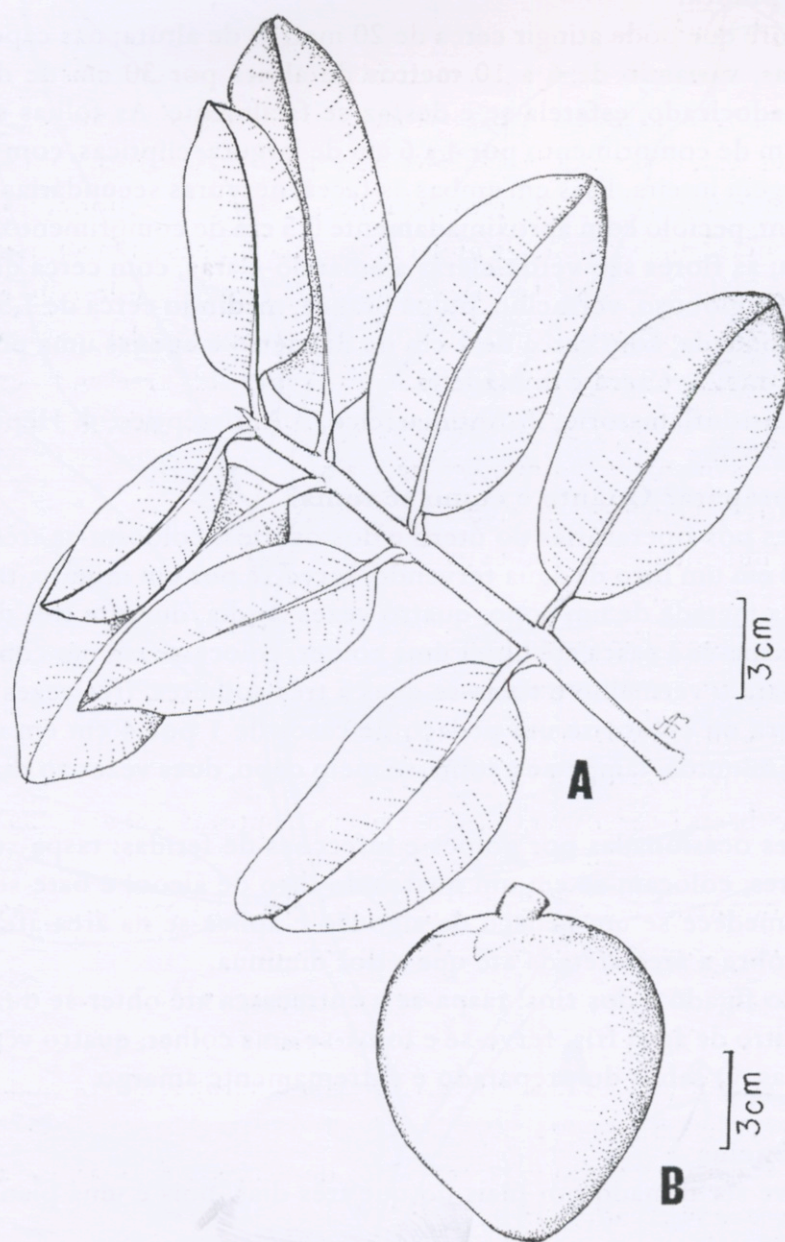


Figura 4. Bacuri, *Platonia insignis* Mart.

A. Ramo com folhas e inflorescência. B. Fruto.

Barbatimão

Nome científico: *Maytenus myrsinoides* Reissek

(Figura 5)

Família: Celastraceae

Outros nomes comuns: Chichuasca

Como é a planta?

É uma árvore que pode atingir cerca de 20 metros de altura; nas capoeiras analisadas, foram encontradas, variando de 6 a 10 metros de altura por 30 cm de diâmetro; a casca apresenta cheiro adocicado, esfarela-se e desfaz-se facilmente. As folhas são alternas, com cerca de 12 a 18 cm de comprimento por 4 a 6 cm de largura, elípticas, com ápice acuminado e base aguda, margem inteira, lisas em ambas as faces, nervuras secundárias distantes uma da outra cerca de 1 cm, pecíolo com aproximadamente 0,5 cm de comprimento. A inflorescência é axilar, racemosa; as flores são verde-claras a amarelo-claras, com cerca de 0,1 cm de comprimento. O fruto é globoso, vermelho, polpa branca, medindo cerca de 1,5 cm de diâmetro; a semente é arredondada, com cerca de 1 cm de diâmetro e apenas uma por fruto.

Partes usadas: 1. Casca e 2. Madeira.

Usos: 1. Anti-inflamatório, 2. Antidiarréico, 3. Antisséptico, 4. Hepático, 5. Renal, 6. Combustível.

Como se prepara? Quanto e como se toma?

Inflamações pós-operatórias do útero e dos ovários: colocam-se três pedaços de casca de 10 por 3 cm em um litro de água fervendo, ferve-se por um minuto, tampa-se, deixa-se esfriar e toma-se a metade de um copo, quatro vezes ao dia, durante três dias.

Diarréia: raspa-se a casca até obter uma colher, coloca-se em um copo de água fria até que mude a cor para o vermelho e toma-se duas a três colheres, três vezes ao dia, antes das refeições até a cura ou coloca-se um pedaço de casca de 1 por 4 cm em um copo de água quente por 5 a 10 minutos, tampa-se e toma-se meio copo, duas vezes ao dia, às refeições até se curar.

Inflamações ocasionadas por golpes e infecções de feridas: raspa-se a casca seca até obter duas colheres, colocam-se em um quarto do litro de álcool e bate-se até a cor mudar para vermelho, umedece-se um pedaço de algodão e aplica-se na área afetada. No caso de cortes, deixa-se sobre a área afetada até que a dor diminua.

Doenças do fígado e dos rins: raspa-se a entrecasca até obter-se duas colheres, colocam-se em meio litro de água fria, ferve-se e toma-se uma colher, quatro vezes ao dia, durante dois ou três dias. O sabor do preparado é extremamente amargo.



Advertências

Não deve ser tomado por mais do que três dias, pois é uma planta com efeitos muito fortes.

Qual é a qualidade da lenha?

A madeira é considerada como lenha forte e é usada quando a árvore está seca ou morta.

Onde se encontra? Na capoeira e na capoeira grossa.

Como se usa em outros lugares da Amazônia?

A casca é usada para acalmar dores reumáticas (Silva *et al.* 1977).

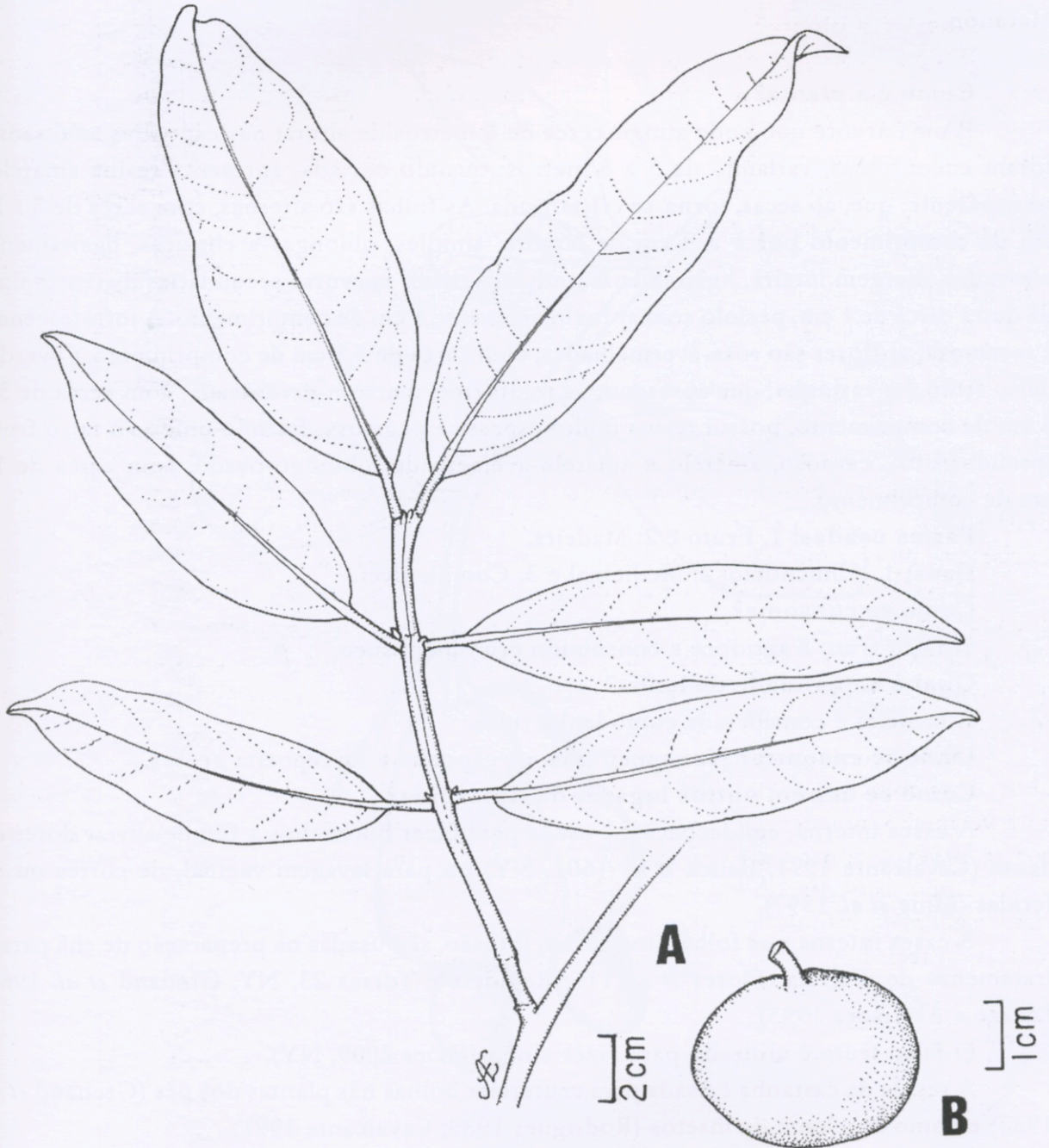


Figura 5. Barbatimão, *Maytenus myrsinoides* Reissek
A. Ramo com folhas. B. Fruto.

Cajú

Nome científico: *Anacardium occidentale* L.

(Figura 6)

Família: Anacardiaceae

Outros nomes comuns: Akaju, Caju-manso, Cashew, Cajueiro, Cajuí, Cashu, Hiri ou Marañón

Como é a planta?

É uma árvore que pode atingir cerca de 8 metros de altura; nas capoeiras analisadas, foram encontradas, variando de 3 a 5 metros; quando cortada, apresenta resina amarelo-transparente, que, ao secar, torna-se cristalizada. As folhas são alternas, com cerca de 5 a 15 cm de comprimento por 5 a 9 cm de largura, simples, oblongas a elípticas, ligeiramente obovadas, margem inteira, ligeiramente ondulada, lisas, nervuras secundárias distantes uma da outra cerca de 1 cm, pecíolo com aproximadamente 1 cm de comprimento. A inflorescência é racemosa; as flores são rosa-avermelhadas, com cerca de 3,5 cm de comprimento. O verdadeiro fruto é a castanha, que apresenta-se reniforme, marrom-esverdeada, com cerca de 3 a 5 cm de comprimento, possui resina muito espessa e pegajosa, ficando unido ao falso fruto (pseudofruto), carnoso, amarelo a amarelo-avermelhado, oblongo-ovado, com cerca de 10 cm de comprimento.

Partes usadas: 1. Fruto e 2. Madeira.

Usos: 1 Alimentício, 2. Medicinal e 3. Combustível.

Como se consome?

O falso fruto é agridoce e consumido cru ou em suco.

Qual é a qualidade de lenha?

A madeira é considerada como lenha fraca.

Onde se encontra? Na capoeirinha, na capoeira e na capoeira grossa.

Como se usa em outros lugares da Amazônia?

A casca interna, em decocção, é usada para fazer bochechos a fim de aliviar dores de dente (Cavalcante 1991; Balick *et al.* 1601, NY) ou para lavagem vaginal, de cortes ou de feridas (Ming *et al.* 1997).

A casca interna e as folhas jovens, em infusão, são usadas na preparação de chá para o tratamento de diarreia (Flores *et al.* 116; Reinders e Torres 23, NY; Grenand *et al.* 1987; Lacaze e Alexiades 1995).

O falso fruto é utilizado para fazer vinho (Fróes 2009, NY).

A resina da castanha é usada para cauterizar bolhas nas plantas dos pés (Grenand *et al.* 1987) e como repelente de insetos (Rodrigues 1989; Cavalcante 1991).

A madeira é empregada para caixotaria e cabos de ferramentas (Silva *et al.* 1977).

A castanha torrada é um alimento altamente nutritivo (Rodrigues 1989; Milliken *et al.* 1992), sendo utilizada em muitas comunidades no Baixo Amazonas para fazer um alimento tradicional conhecido como “paçoca”, a qual é preparada com a castanha torrada e socada no pilão com farinha e açúcar.

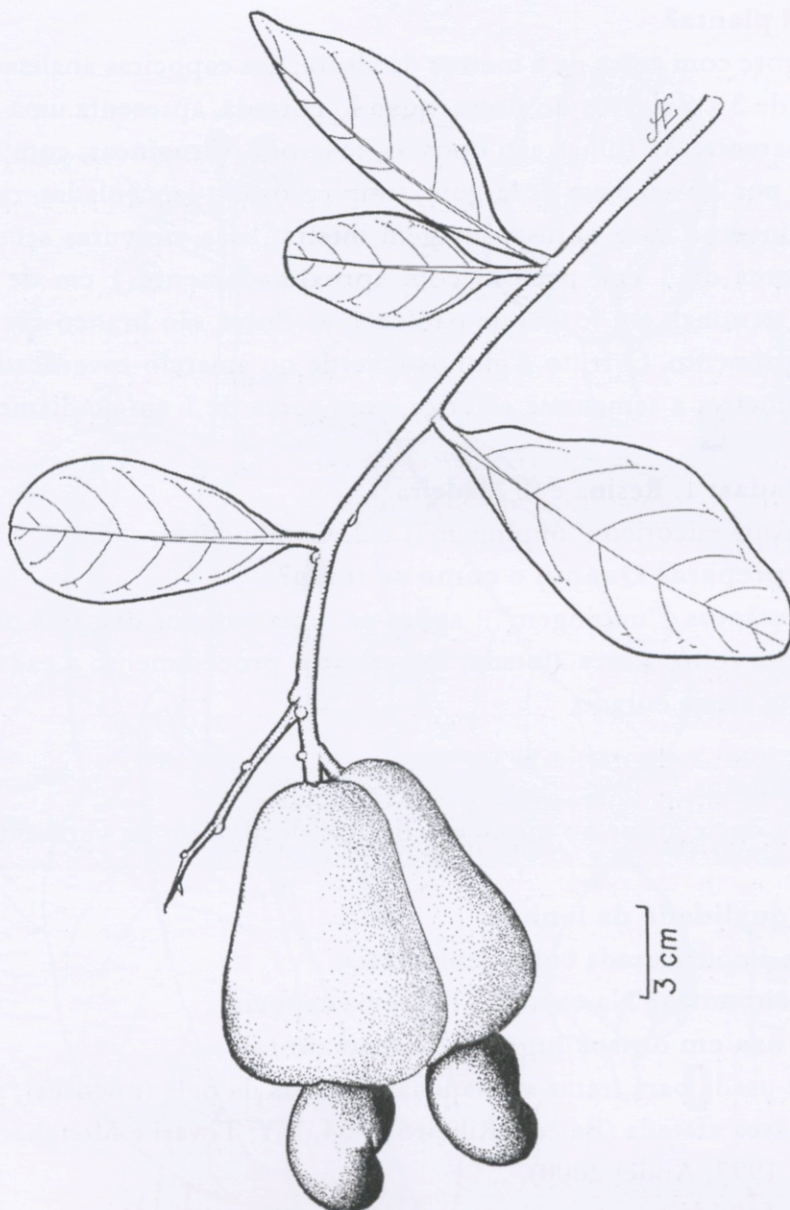


Figura 6. Cajú, *Anacardium occidentale* L.
Ramo com folhas, pseudofrutos e frutos.

Lacre

Nome científico: *Vismia guianensis* (Aubl.) Choisy

(Figura 7)

Família: Clusiaceae

Outros nomes comuns: Lacre-vermelho, Pau-de-lacre, Piägily ou Tento

Como é a planta?

É uma árvore com cerca de 6 metros de altura; nas capoeiras analisadas, foram encontradas, variando de 3 a 6 metros de altura, quando cortada, apresenta uma resina abundante, vermelho-transparente. As folhas são opostas, marrom-ferrugíneas, com cerca de 4 a 8 cm de comprimento por 2,5 a 3,5 cm de largura, simples, ovado-lanceoladas, raramente elípticas, com ápice acuminado e base obtusa, margem inteira, lisas, nervuras secundárias distantes uma da outra cerca de 1 cm, pecíolo com aproximadamente 1 cm de comprimento. A inflorescência é terminal, em forma de panícula; as flores são branco-cremosas, com cerca de 1 cm de comprimento. O fruto é globoso, verde ou amarelo-esverdeado, medindo cerca de 1,5 cm de diâmetro; a semente é esférica, com cerca de 1 cm de diâmetro e apenas uma por fruto.

Partes usadas: 1. Resina e 2. Madeira.

Usos: 1 Anti-micótico (“impingem”) e 2. Combustível.

Como se prepara? Quanto e como se toma?

Micoses cutâneas (“impingem”): aplica-se, uma vez por dia, três ou quatro gotas da resina, diretamente sobre a área afetada. Repete-se o procedimento a cada dois ou três dias até que o paciente esteja curado.



Advertências

Provoca dor e ardor no momento da aplicação, além de vermelhidão na pele.

Qual é a qualidade da lenha?

A madeira é considerada como lenha fraca.

Onde se encontra? Na capoeira fina e na capoeira.

Como se usa em outros lugares da Amazônia?

A resina é usada para tratar as manchas brancas da pele (micoses), aplicando-se diretamente sobre a área afetada (Balée e Ribeiro 1564, NY; Tiwari e Mengharini 469, NY; Berg 1993; Ming *et al.* 1997; Andel 2000).

A casca é fervida por meia hora, sendo um bom anti-séptico para limpar feridas e ajudar no tratamento de cocciras, micoses e eczemas (Andel 2000).

A madeira é utilizada para fazer balsas, bem como para produção de lenha e de carvão (Balée e Ribeiro 1564, NY).

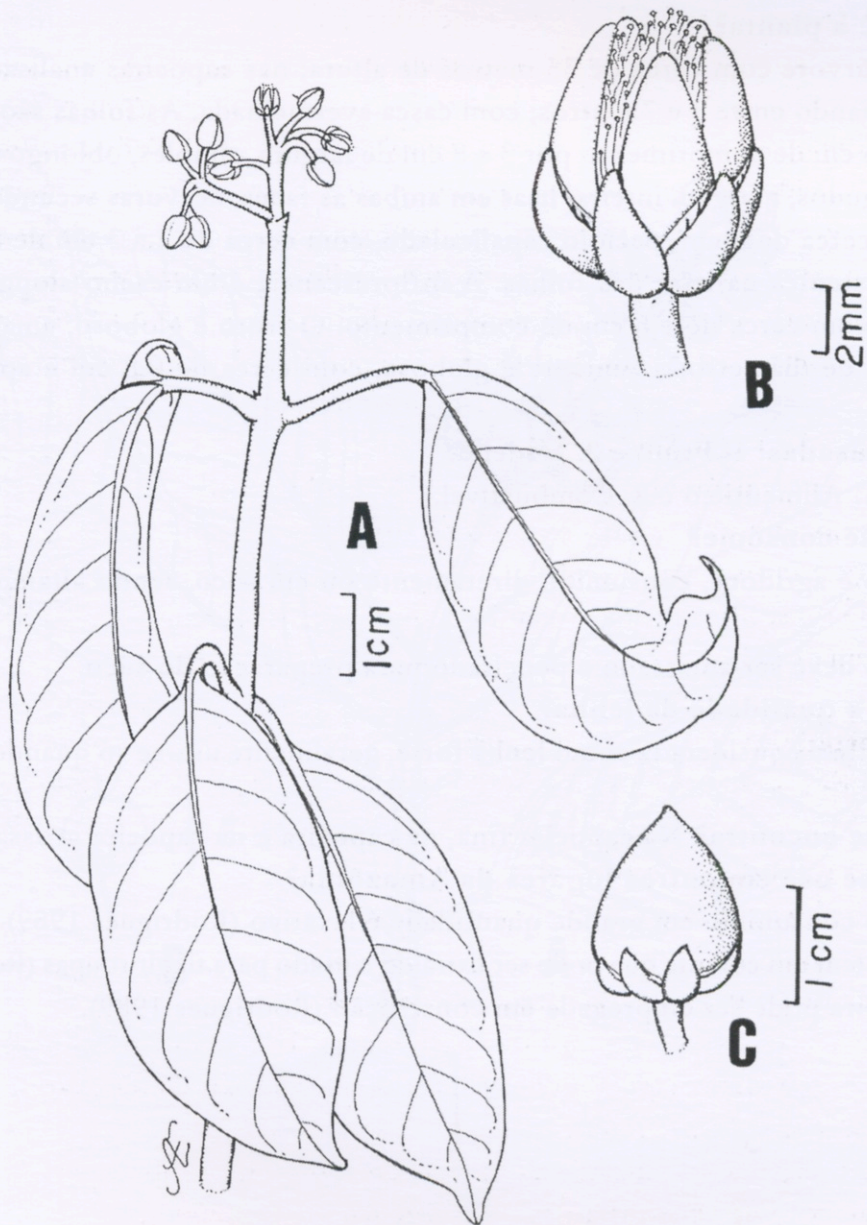


Figura 7. Lacre, *Vismia guianensis* (Aubl.) Choisy
A. Ramo com folhas e inflorescência. B. Flor. C. Fruto.

Muruci-do-mato

Nome científico: *Byrsonima aerugo* Sagot

(Figura 8)

Família: Malpighiaceae

Outros nomes comuns: Murici, Murixi, Muruci, Muruci-da-capoeira ou Muruci-da-mata.

Como é a planta?

É uma árvore com cerca de 35 metros de altura; nas capoeiras analisadas foram encontradas, variando entre 3 e 7 metros; com casca avermelhada. As folhas são opostas, com cerca de 6 a 16 cm de comprimento por 3 a 8 cm de largura, simples, oblongo-elípticas, com ápice e base agudos, margem inteira, lisas em ambas as faces, nervuras secundárias distantes uma da outra cerca de 1 cm, pecíolo canaliculado, com cerca de 2 a 3 cm de comprimento; estípulas persistentes na base das folhas. A inflorescência é um cacho alongado; as flores são amarelas, com cerca de 1,5 cm de comprimento. O fruto é globoso, amarelo, medindo cerca de 1 cm de diâmetro; a semente é globosa, com cerca de 0,8 cm e apenas uma por fruto.

Partes usadas: 1. Fruto e 2. Madeira.

Usos: 1 Alimentício e 2. Combustível.

Como se consome?

O fruto é agridoce, consumido diretamente ou em suco, sendo altamente apreciado pelas crianças.

O fruto deve ser amassado e peneirado para preparação do suco.

Qual é a qualidade da lenha?

A madeira é considerada como lenha forte, geralmente usa-se só quando a árvore está morta.

Onde se encontra? Na capoeira fina, na capoeira e na capoeira grossa.

Como se usa em outros lugares da Amazônia?

O fruto consumido em grande quantidade é laxativo (Rodrigues 1989).

A casca tem um corante que pode ser extraído e usado para tingir roupas (Rodrigues 1989).

A madeira pode ser empregada em construção (Rodrigues 1989).

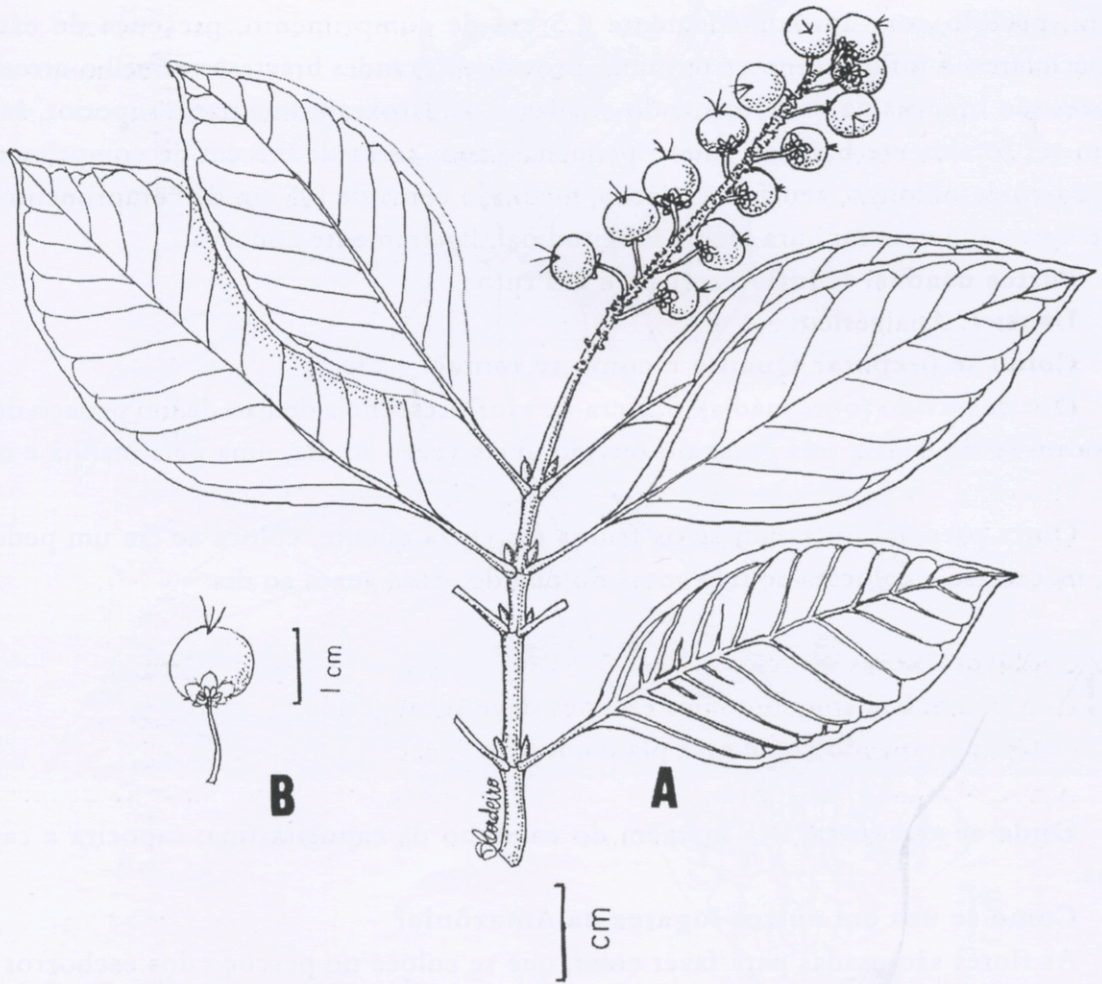


Figura 8. Muruci-do-mato, *Byrsonima aerugo* Sagot
 A. Ramo com folhas e infrutescência. B. Fruto.

Perpétua

Nome científico: *Psychotria colorata* (Willd. ex Roem. & Schult.) Müll. Arg. (Figura 9)

Família: Rubiaceae

Outros nomes comuns: Erva-de-rato, Jasmim-de-cachorro ou Tapikanamy

Como é a planta?

É um arbusto com cerca de 1,5 metro de altura; nas capoeiras analisadas, foram encontrados, variando de 30 a 40 cm. As folhas são opostas, com cerca de 9 a 11 cm de comprimento por 3 a 5 cm de largura, simples, oblongas, com ápice agudo e base obtusa, margem inteira, lisas em ambas as faces, nervuras secundárias distantes uma da outra cerca de 0,7 cm, pecíolo com aproximadamente 0,5 cm de comprimento, presença de estípulas interpeciolares. A inflorescência é terminal, provida de grandes brácteas vermelho-arroxeadas; as flores são brancas na base, tornando-se lilases ou arroxeadas na parte superior, às vezes podem ser totalmente brancas; muito pequenas, com cerca de 0,5 cm de comprimento. O fruto é ovóide-oblongo, azulado-violáceo, medindo cerca de 0,5 cm de comprimento; a semente apresenta uma ranhura média longitudinal, ligeiramente côncava.

Partes usadas: 1. Inflorescência e 2. Fruto

Usos: 1. Analgésico

Como se prepara? Quanto e como se toma?

Dor de ouvido (otite média): macera-se a inflorescência dentro de um pedaço de pano e colocam-se de duas a três gotas no ouvido, duas vezes ao dia, uma pela manhã e outra à noite.

Outra preparação: assam-se os frutos em cinza quente, coloca-se em um pedaço de pano, macera-se e colocam-se três gotas no ouvido, duas vezes ao dia.



Advertências

A planta é altamente tóxica e nunca deve ser ingerida.

Quando o gado come essa planta, morre.

Onde se encontra? Na margem do caminho da capoeira fina, capoeira e capoeira grossa.

Como se usa em outros lugares da Amazônia?

As flores são usadas para fazer colar, que se coloca no pescoço dos cachorros como um amuleto para atrair animais de caça (Balée 973, NY).

Os frutos e sementes são venenosos, quando triturados e misturados com queijo ou toucinho, servem para matar ratos (Silva *et al.* 1977; Rodrigues 1989).

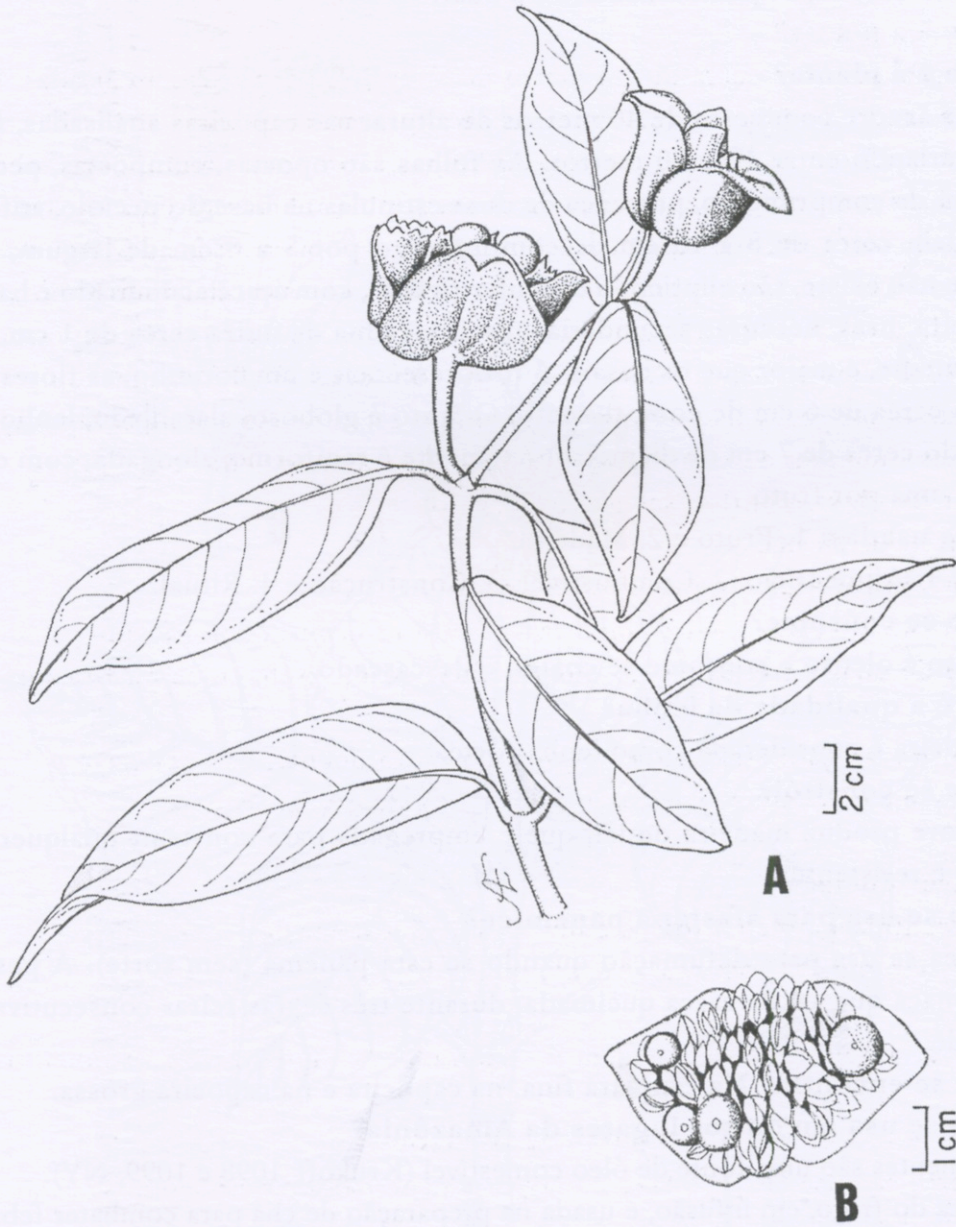


Figura 9. Perpétua, *Psychotria colorata* (Willd. ex Roem. & Schult.) Müll. Arg.
 A. Ramo com folhas e infrutescência. B. Infrutescência.

Piquiá

Nome científico: *Caryocar villosum* (Aubl.) Pers.

(Figura 10)

Família: Caryocaraceae

Outros nomes comuns: Amêndoa-de-espinho, Amêndoa-do-peru, Awidjai, Pequiá, Piki'a'y, Piquiá-branco, Piquiá-verdadeiro ou Suari

Como é a planta?

É uma árvore com cerca de 40 metros de altura; nas capoeiras analisadas, foram encontradas, variando entre 10 e 20 metros. As folhas são opostas, compostas, pecíolo com cerca de 5 cm de comprimento, presença de duas estípulas na base do pecíolo, trifolioladas; folíolos medem cerca de 8 a 15 cm de comprimento por 5 a 8 cm de largura, pecíolulo praticamente não existe, são elípticos a oblongo-ovadas, com ápice acuminado e base retusa, margem inteira, lisas, nervuras secundárias distantes uma da outra cerca de 1 cm, o folíolo apical, geralmente, é maior que os basais. A inflorescência é um corimbo; as flores são amareladas, com cerca de 6 cm de comprimento. O fruto é globoso, alaranjado, lenhoso, muito duro, medindo cerca de 7 cm de diâmetro; a semente é reniforme, alongada, com cerca de 5 cm e apenas uma por fruto.

Partes usadas: 1 Fruto e 2. Madeira.

Usos: 1. Alimentício, 2. Combustível, 3. Construção e 4. Ritual.

Como se consome?

O fruto é oleoso e consome-se cozido e descascado.

Qual é a qualidade da lenha?

A madeira é considerada como lenha forte.

O que se constrói?

A árvore produz madeira de lei, que é empregada para construir qualquer parte da casa, porque é resistente.

Como se usa para afastar a panemice?

A casca se usa para defumação quando se está panema (sem sorte). A pessoa deve receber a fumaça que sai da casca queimada, durante três sextas-feiras consecutivas, às seis horas da tarde.

Onde se encontra? Na capoeira fina, na capoeira e na capoeira grossa.

Como se usa em outros lugares da Amazônia?

As sementes são uma fonte de óleo comestível (Krukoff 1098 e 1099, NY).

A casca do fruto, em infusão, é usada na preparação de chá para combater febre e, também, é diurética (Silva *et al.* 1977). Outra qualidade dela é a grande quantidade de taninos, que podem ser usados na preparação de tinta para escrever (Rodrigues 1989).

A polpa cozida é um bom alimento, possui muitas vitaminas e minerais (Shanley 2000).

A amêndoa que existe dentro do fruto é comestível, depois do fruto ser cozido (Silva *et al.* 1977; Rodrigues 1989; Cavalcante 1991).

A madeira é de muito boa qualidade, sendo usada para dormentes, canoaria, construção, estacas, marcenaria e carpintaria (Silva *et al.* 1977; Cavalcante 1991; Shanley *et al.* 1998; Shanley 2000).

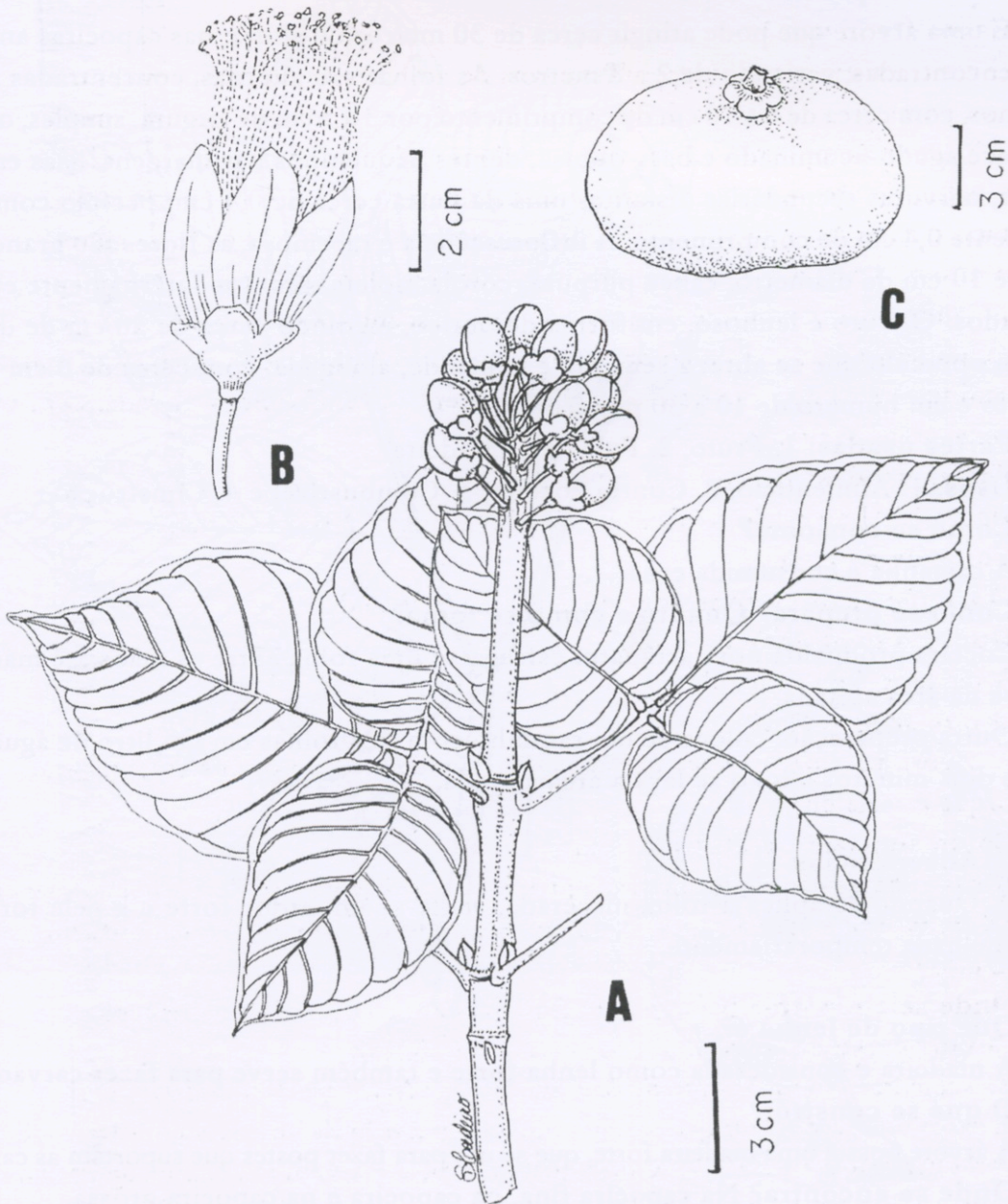


Figura 10. Piquiá, *Caryocar villosum* (Aubl.) Pers.

A. Ramo com folhas e inflorescência. B. Flor. C. Fruto.

Sapucaia

Nome científico: *Lecythis pisonis* Cambess.

(Figura 11)

Família: Lecythidaceae

Outros nomes comuns: Castanha-sapucaia, Castanha-do-pará ou Japukai

Como é a planta?

É uma árvore que pode atingir cerca de 30 metros de altura; nas capoeiras analisadas, foram encontradas, variando de 2 a 8 metros. As folhas são alternas, concentradas no ápice dos ramos, com cerca de 6 a 10 cm de comprimento por 3 a 5 cm de largura, simples, oblongas, com ápice agudo-acuminado e base obtusa, dentes pequeninos nas margens, lisas em ambas as faces, nervuras secundárias distantes uma da outra cerca de 0,4 cm, pecíolo com aproximadamente 0,4 cm de comprimento. A inflorescência é racemosa; as flores são grandes, com cerca de 10 cm de diâmetro, cálice púrpura, corola violeta, brancas internamente e estames amarelados. O fruto é lenhoso, em forma de ouriço, medindo cerca de 20 cm de diâmetro, com um opérculo que se abre; a semente é elipsóide, alongada, com cerca de 6 cm de comprimento e em número de 10 a 30 por fruto.

Partes usadas: 1. Fruto, 2. Folha e 3. Madeira.

Usos: 1 Alimentício, 2. Contra coceira, 3. Combustível e 4. Construção.

Como se consome?

A castanha é consumida crua.

Como se prepara? Quanto e como se toma?

Coceira produzida por carrapato: esfrega-se uma folha entre as mãos até macerá-la e aplica-se na área afetada.

Outra preparação: coloca-se um raminho com três folhas em um litro de água quente durante dois minutos e logo se lava a área afetada.



Advertências

Quando se aplica a folha macerada, sente-se um ardor forte e a pele torna-se avermelhada temporariamente.

Que tipo de lenha é?

A madeira é considerada como lenha forte e também serve para fazer carvão.

O que se constrói?

A árvore possui uma madeira forte, que se usa para fazer postes que suportam as casas.

Onde se encontra? Na capoeira fina, na capoeira e na capoeira grossa.

Como se usa em outros lugares da Amazônia?

A casca é usada para fazer material para amarração (Balée e Ribeiro 1470, NY).

A árvore é plantada por ser ornamental e para facilitar a exploração das sementes, pois são amplamente consumidas na Amazônia Brasileira, sem no entanto, alcançar o valor econômico da castanha-do-brasil (Mori e Prance 1990).

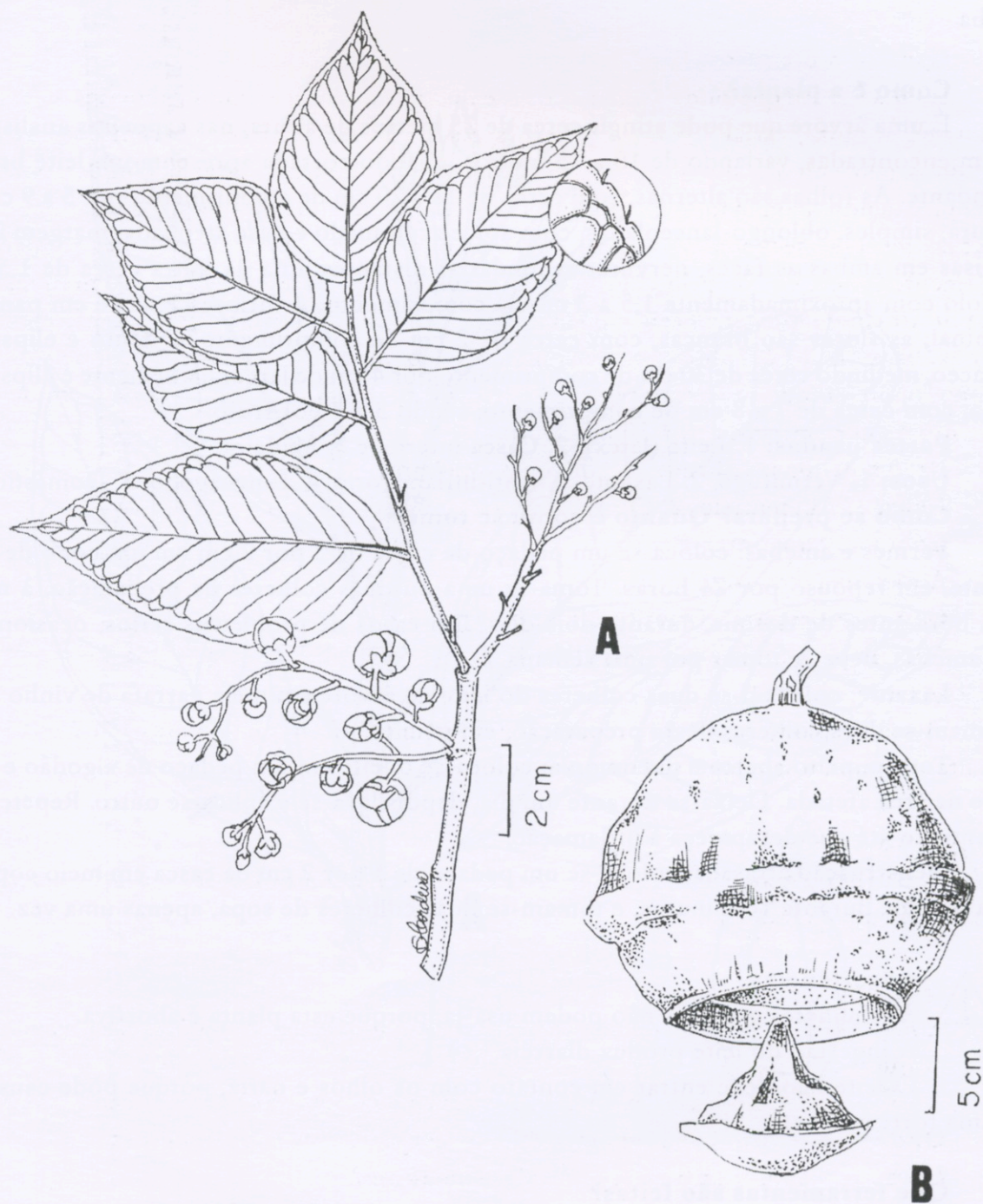


Figura 11. Sapucaia, *Lecythis pisonis* Cambess.

A. Ramo com folhas e inflorescência. B. Fruto.

Siquiba

Nome científico: *Himatanthus sucuuba* (Spruce ex Müll. Arg.) Woodson (Figura 12)

Família: Apocynaceae

Outros nomes comuns: Janaúba, Janaguba, Siquiua, Siquibeira, Sucuba, Sucuúba ou Zurba

Como é a planta?

É uma árvore que pode atingir cerca de 25 metros de altura; nas capoeiras analisadas, foram encontradas, variando de 10 a 15 metros, quando cortada apresenta um leite branco abundante. As folhas são alternas, com cerca de 18 a 20 cm de comprimento por 5 a 9 cm de largura, simples, oblongo-lanceoladas, com ápice acuminado e base atenuada, margem inteira, lisas em ambas as faces, nervuras secundárias distantes uma da outra cerca de 1,5 cm, pecíolo com aproximadamente 1,5 a 3 cm de comprimento. A inflorescência é em panícula terminal; as flores são brancas, com cerca de 2 cm de comprimento. O fruto é elipsóide, coriáceo, medindo cerca de 30 cm de comprimento por 4 cm de largura; a semente é elipsóide, alada, com cerca de 7 a 8 cm de comprimento, sendo 3 a 5 por fruto.

Partes usadas: 1. Leite (látex), 2. Casca interna e 3. Madeira.

Usos: 1. Vermífugo, 2. Laxante, 3. Anti-inflamatório, 4. Emenagogo, 5. Doméstico.

Como se prepara? Quanto e como se toma?

Vermes e amebas: coloca-se um pedaço de casca de 3 por 2 cm em um copo de água quente, em repouso por 24 horas. Toma-se uma ou duas colheres da preparação, à noite, uma hora antes de dormir, durante dois dias. Em casos de problemas sérios, ocasionados por amebas, deve-se tomar por uma semana.

Laxante: colocam-se duas colheres do leite da árvore em meia garrafa de vinho tinto e tomam-se duas colheres dessa preparação, em jejum.

Torção, peito aberto e pneumonia: coloca-se o leite em um pedaço de algodão e aplica-se na área afetada. Deixa-se durante um dia, depois lava-se e aplica-se outro. Repete-se o tratamento até que desapareça a inflamação.

Menstruação atrasada: coloca-se um pedaço de 5 por 2 cm da casca em meio copo de água quente, durante 10 minutos, e tomam-se duas colheres de sopa, apenas uma vez.



Advertências

As mulheres grávidas não podem usá-la, porque esta planta é abortiva.

A ingestão do leite produz diarreia.

O leite não deve entrar em contato com os olhos e nariz, porque pode causar uma forte ardência.

Que ferramentas são feitas?

A madeira é usada para fazer cabos de enxada.

Onde se encontra? Na capoeira fina, na capoeira e na capoeira grossa.

Como se usa em outros lugares da Amazônia?

O leite é aplicado nas regiões do corpo que apresentam reumatismo (Berg 1993; Stijfhoorn 663, NY) ou onde se precisa consolidar um osso quebrado (Berg 1993; Ming *et al.* 1997).

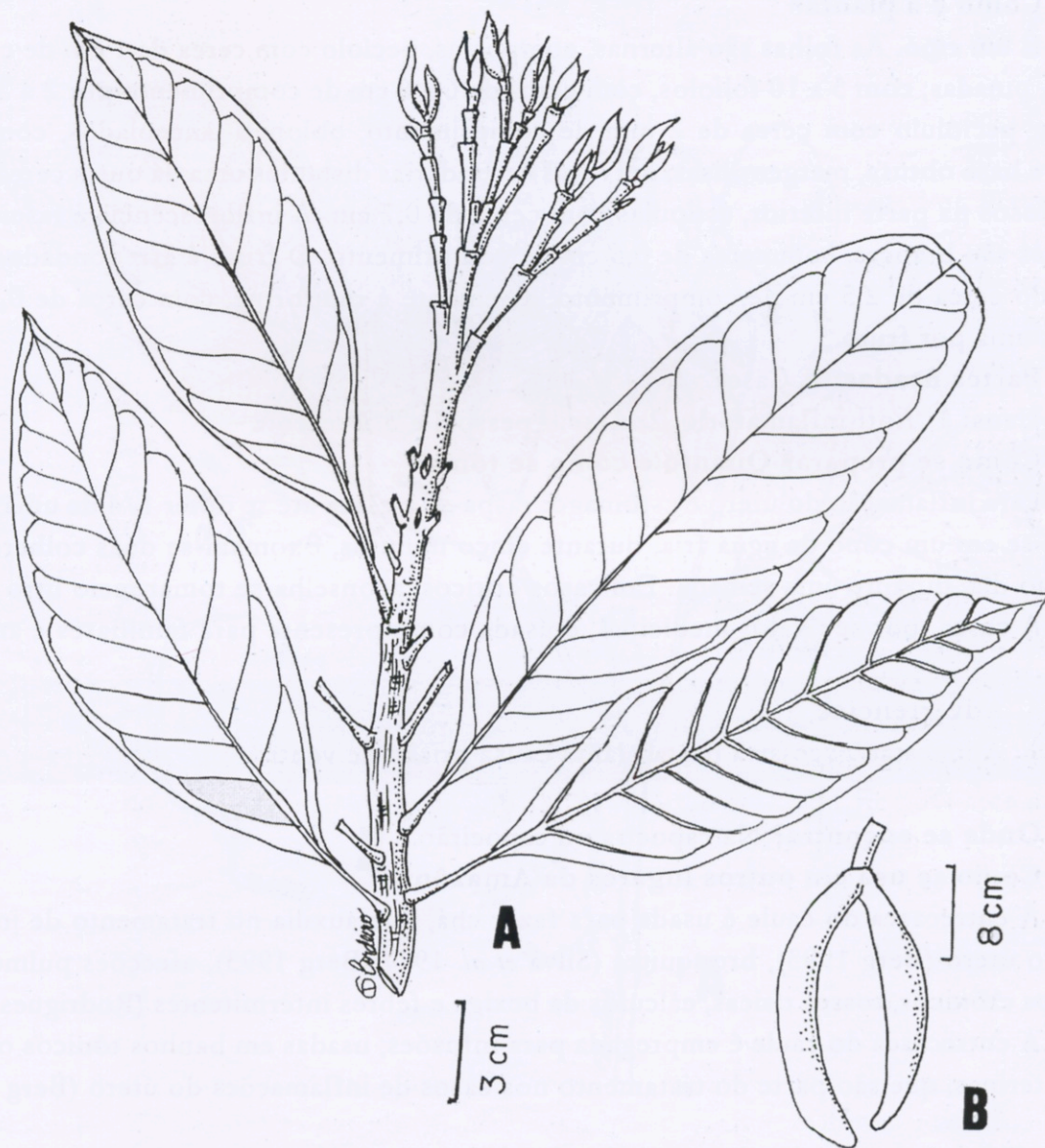


Figura 12. Siquiba, *Himatanthus sucuba* (Spruce ex Müll. Arg.) Woodson
A. Ramo com folhas e inflorescência. B. Fruto.

Verônica-vermelha

Nome científico: *Dalbergia subcymosa* Ducke

(Figura 13)

Família: Fabaceae

Outros nomes comuns: Verônica, Verônica-do-mato, Verônica-verdadeira ou Verônica-vermelha

Como é a planta?

É um cipó. As folhas são alternas, compostas, pecíolo com cerca de 1 cm de comprimento, pinadas; com 5 a 10 folíolos, com cerca de 6 a 8 cm de comprimento por 2 a 3 cm de largura, peciólulo com cerca de 2 mm de comprimento, oblongo-lanceolados, com ápice agudo e base obtusa, margens lisas, nervuras secundárias distantes uma da outra cerca de 0,4 cm, pilosos na parte inferior, estípulas com cerca de 0,7 cm. A inflorescência é fasciculada; as flores são brancas, com cerca de 0,6 cm de comprimento. O fruto é arredondado, plano, medindo cerca de 2,5 cm de comprimento; a semente é reniforme, com cerca de 0,3 cm e apenas uma por fruto.

Partes usadas: 1. Casca.

Usos: 1 Anti-inflamatório, 2. Asseio pessoal e 3. Presente

Como se prepara? Quanto e como se toma?

Para inflamação do útero e estômago: raspa-se a casca até se obter 1/4 de uma xícara, coloca-se em um copo de água fria, durante cinco minutos, e tomam-se duas colheres, três vezes ao dia, durante uma semana. Em casos críticos, aconselha-se tomar meio litro ao dia.

A casca, por seu valor medicinal, é usada como presente para familiares e amigos.



Advertências

A ingestão excessiva desta planta causa prisão de ventre.

Onde se encontra? Na capoeira ou capoeirão.

Como se usa em outros lugares da Amazônia?

A entrecasca do caule é usada para fazer chá, que auxilia no tratamento de inflamações do útero (Berg 1993), bronquites (Silva *et al.* 1977; Berg 1993), afecções pulmonares, catarros crônicos, tosses tísicas, cálculos da bexiga e febres intermitentes (Rodrigues 1989).

A entrecasca do caule é empregada para infusões, usadas em banhos tônicos ou lavagens uterinas, que são parte do tratamento nos casos de inflamações do útero (Berg 1993).

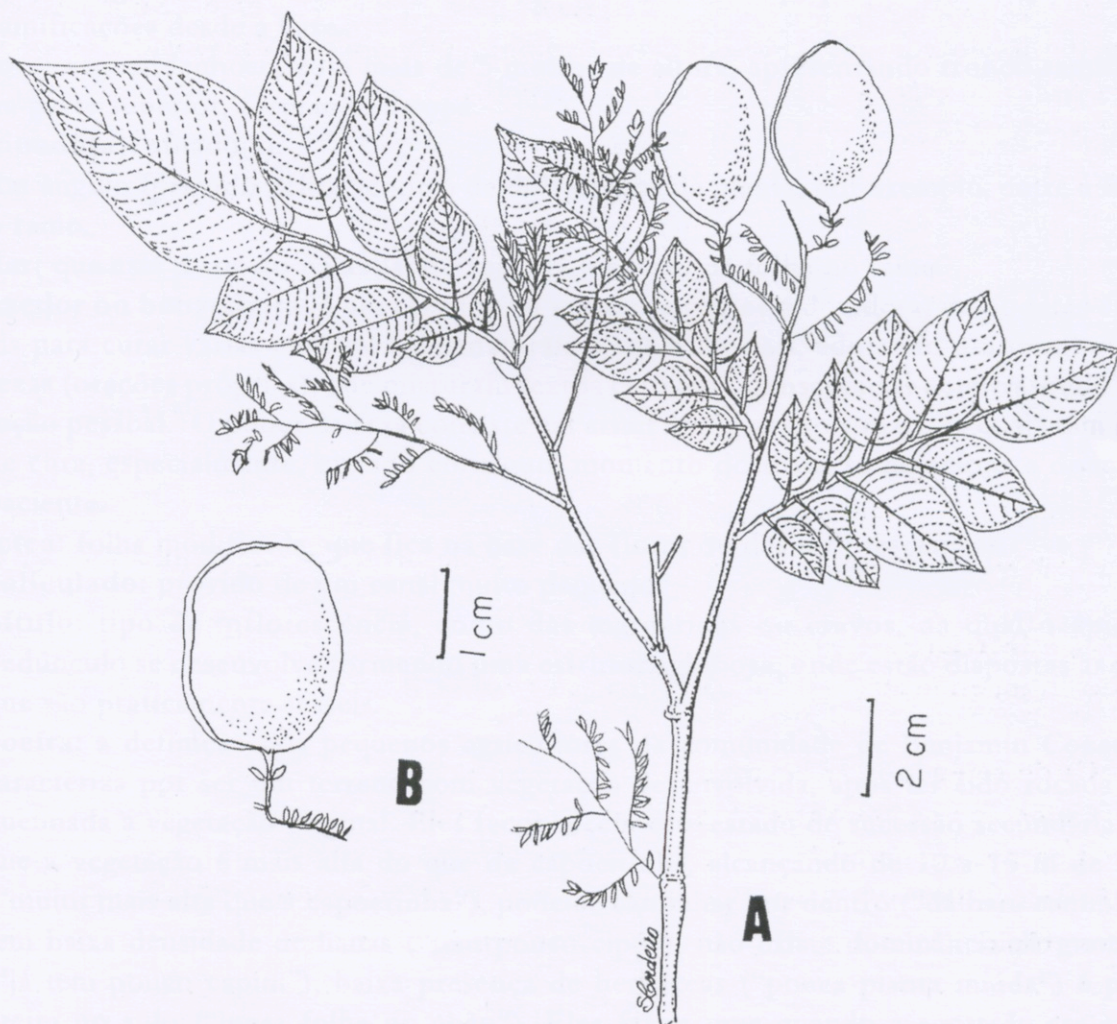


Figura 13. Verônica-vermelha, *Dalbergia subcymosa* Ducke
A. Ramo com folhas e frutos. B. Fruto.

Glossário

Acuminado: terminando em ponta prolongada ou pontiagudo.

Aguda: terminando em ponta, mas não prolongada.

Alado(a): provido(a) de expansões em forma de asas.

Alternas: apenas uma folha em cada nó.

Angulosa: que tem esquina ou saliências pontiagudas.

Apical: que fica no ápice.

Arbusto: vegetal lenhoso de 3 a 5 metros de altura, com um pequeno tronco, apresentando ramificações desde a base.

Árvore: vegetal lenhoso, com mais de 5 metros de altura, apresentando tronco ramificado, na parte superior, formando a copa.

Atenuado(a): afilado(a).

Axila: ângulo formado pelo encontro de dois órgãos da planta, por exemplo, entre a folha e o ramo.

Axilar: que está disposto na axila, ou seja, na inserção da folha no ramo.

Benedor ou benzedeira: é um rezador ou rezadeira que está dotado(a) de poderes especiais para curar várias enfermidades naturais e sobrenaturais, adotando um ritual que usa rezas (orações próprias), que misturam textos católicos, consagrados com frases de inspiração pessoal. O poder da reza consiste em atrair energias espirituais, as quais têm poder de cura, especialmente, quando em algum momento do ritual se menciona a doença do paciente.

Bráctea: folha modificada, que fica na base das flores ou das inflorescências.

Canaliculado: provido de um canal muito pequeno.

Capítulo: tipo de inflorescência, como das margaridas ou cravos, na qual o ápice do pedúnculo se desenvolve formando uma estrutura globosa, onde estão dispostas as flores que são praticamente sésseis.

Capoeira: a definição dos pequenos agricultores da comunidade de Benjamin Constant a caracteriza por ser um terreno com vegetação desenvolvida, após ter sido roçada e/ou queimada a vegetação original. Eles reconhecem este estado de sucessão secundária, porque a vegetação é mais alta do que da capoeirinha, alcançando de 10 a 15 m de altura (“muito mais alta que a capoeirinha”), pode-se caminhar por dentro (“dá para caminhar”), tem baixa densidade de lianas (“tem pouco cipó”), não existe dominância de gramíneas (“já tem pouco capim”), baixa presença de herbáceas (“pouca planta miúda”) e possui liteira no solo (“junta folha no chão”). Eles falam, que quando a sucessão secundária alcança este estado, o solo do terreno já está pronto para roçar e plantar novamente.

Capoeirão: a definição dos pequenos agricultores da comunidade de Benjamin Constant a caracteriza por ser um mato alto. Eles reconhecem este estado de sucessão secundária por possuir árvores de 20 metros ou mais de altura e o diâmetro do tronco é grande (“pau mais alto, pau mais grosso”), escassa presença de lianas (“poucos cipós”) e as copas das árvores estão fechadas (“copas fechadonas”). Além disso, reconhecem-na por três estratos: um com solo, de abundante liteira (“muita folha no chão”), um intermediário, com sub-bosque não muito fechado (“mato menos fechadão”) e um superior, com árvores grandes e antigas (“paus maiores e mais velhos”).

Capoeirinha: a definição dos pequenos agricultores da comunidade de Benjamin Constant a caracteriza por ser a vegetação formada por um mato muito fechado, onde quase não se enxerga nada. Segundo eles, este estado de sucessão secundária pode ter só um estrato, que chega no máximo a quatro ou cinco metros com poucos indivíduos de árvores jovens (“só uma faixa de quatro a cinco metros com poucas árvores jovens”), não se pode caminhar por dentro (“não dá para caminhar por dentro”), apresenta alta densidade de lianas (“muito cipó”) e quando as árvores começam a crescer, muitas plantas pequenas morrem por falta de luz (“muita planta miúda morre por causa da luz”).

Coriáceo: que tem textura de couro.

Corimbo: tipo de inflorescência em que as flores partem de alturas diferentes e alcançam o mesmo nível na porção superior.

Cristalizada: substância líquida que se torna sólida.

Dística: termo utilizado para caracterizar a organização de órgãos vegetais em duas fileiras.

Dossel: a camada mais alta das árvores, onde as copas se juntam e formam um “céu” obscurecido pela folhagem.

Elipse: forma arredondada, que se estreita nos pólos opostos.

Elipsóide: em forma quase de uma elipse.

Elíptica: em forma de elipse.

Emenagogo: medicamento que regulariza e favorece a aparição da menstruação.

Estípulas: formação em forma da lâmina foliar, que se posiciona na base do pecíolo, ou entre os pecíolos.

Etnobotânica: disciplina científica que estuda as inter-relações “diretas” que existem entre os seres humanos e as plantas (Ford 1978).

Exalar: emitir, lançar odores de si, cheirar.

Face: superfície da folha

Família botânica: um grupo de plantas que compartilha algumas semelhanças entre si. Por exemplo, o agrião, o cravo de defunto, o boldo e o anador são da família Asteraceae, porque possuem uma inflorescência em forma de disco, a qual é denominada pelos botânicos de capítulo (Ming *et al.* 1997). Os nomes das famílias terminam sempre em “aceae”, alguns exemplos neste trabalho são Anacardiaceae, Apocynaceae, Caryocaraceae, Clusiaceae, Fabaceae e Rubiaceae.

Fasciculada: inflorescência muito contraída na parte superior, porém, não chega a ser um glomérulo.

Folha composta: o limbo apresenta-se recortado e esses recortes chegam até a nervura central, separando-o em pequenas folhas, denominadas folíolos.

Folha simples: apresenta o limbo inteiro ou recortado, porém os recortes não atingem a nervura central.

Folíolo: vide folha composta.

Globoso: parece uma bola.

Glomérulo: flores quase desprovidas de pedúnculo, muito próximas entre si, aglomeradas, de aspecto globoso.

- Inflorescência:** conjunto de flores no mesmo ramo.
- Interpeciolares:** órgãos que nascem entre os pecíolos de folhas opostas.
- Lanceolada:** em forma de lança.
- Lenha forte:** dura bastante tempo quando se está queimando.
- Lenha fraca:** dura pouco tempo porque se queima rápido.
- Lenhoso:** que tem a consistência rígida, parece madeira.
- Limbo:** lâmina da folha.
- Marrom-ferrugíneo:** marrom tendendo para cor de ferrugem.
- Nervura:** cordões visíveis na superfície da folha, que fazem a distribuição de água e alimento na folha.
- Nervura principal:** é a nervura mais grossa e que se localiza na parte mediana da folha.
- Nervura secundária:** nervuras mais finas que a principal e que partem dessa em direção à margem da folha.
- Nó:** região do caule de onde pode sair um ramo ou mais, ou uma ou mais folhas.
- Nome científico:** é o nome da planta dado pelos cientistas, tendo que ser sempre escrito em latim. Cada nome é composto por duas palavras, depois das quais se coloca, por extenso ou abreviado, o sobrenome do cientista que descobriu a planta (Ming *et al.* 1997). Um exemplo seria o nome científico da verônica-vermelha que é *Dalbergia subcymosa* Ducke, neste, a última palavra refere-se ao sobrenome do cientista que a descreveu pela primeira vez.
- Nome comum:** é o nome popular, pelo qual se conhece, em determinado lugar, uma planta. Podem existir um ou vários nomes comuns para uma mesma planta, sendo sempre importante procurar a identificação botânica correta, com o auxílio de um botânico especialista nesse campo.
- Oblongo:** alongado, que tem mais comprimento que largura.
- Obovada:** apresenta a forma de um ovo invertido, ou seja, mais larga para o ápice do que para a base.
- Opérculo:** porção superior do fruto, que funciona como se fosse uma tampa, a qual se desprende, abrindo o fruto, quando maduro, para liberar as sementes.
- Opostas:** duas folhas, uma na frente da outra, em cada nó.
- Ouriço:** casca exterior dura ou espinhosa de certos frutos, como os da castanha-do-pará.
- Ovada:** apresenta a forma de um ovo, ou seja, mais larga na base do que no ápice.
- Panema ou panemice:** estado psicológico que se manifesta fisicamente com dor de cabeça constante, debilidade, moleza, falta de disposição, perda de cabelo, sendo provocada por mal olhado de uma pessoa que atua sobre outra por motivos de ódio, inveja ou ciúmes, podendo ocorrer entre vizinhos ou parentes. A pessoa afetada por esse mal apresenta, também, falta de sorte em qualquer atividade que se envolva, nada podendo realizar com sucesso, expressando-se, principalmente, na indisposição para o trabalho e redução do dinheiro, podendo ser curada somente por um(a) benzedor/eira.
- Pecíolo:** porção delgada da folha que prende o limbo ao ramo.
- Peciólulo:** pecíolo do folíolo.

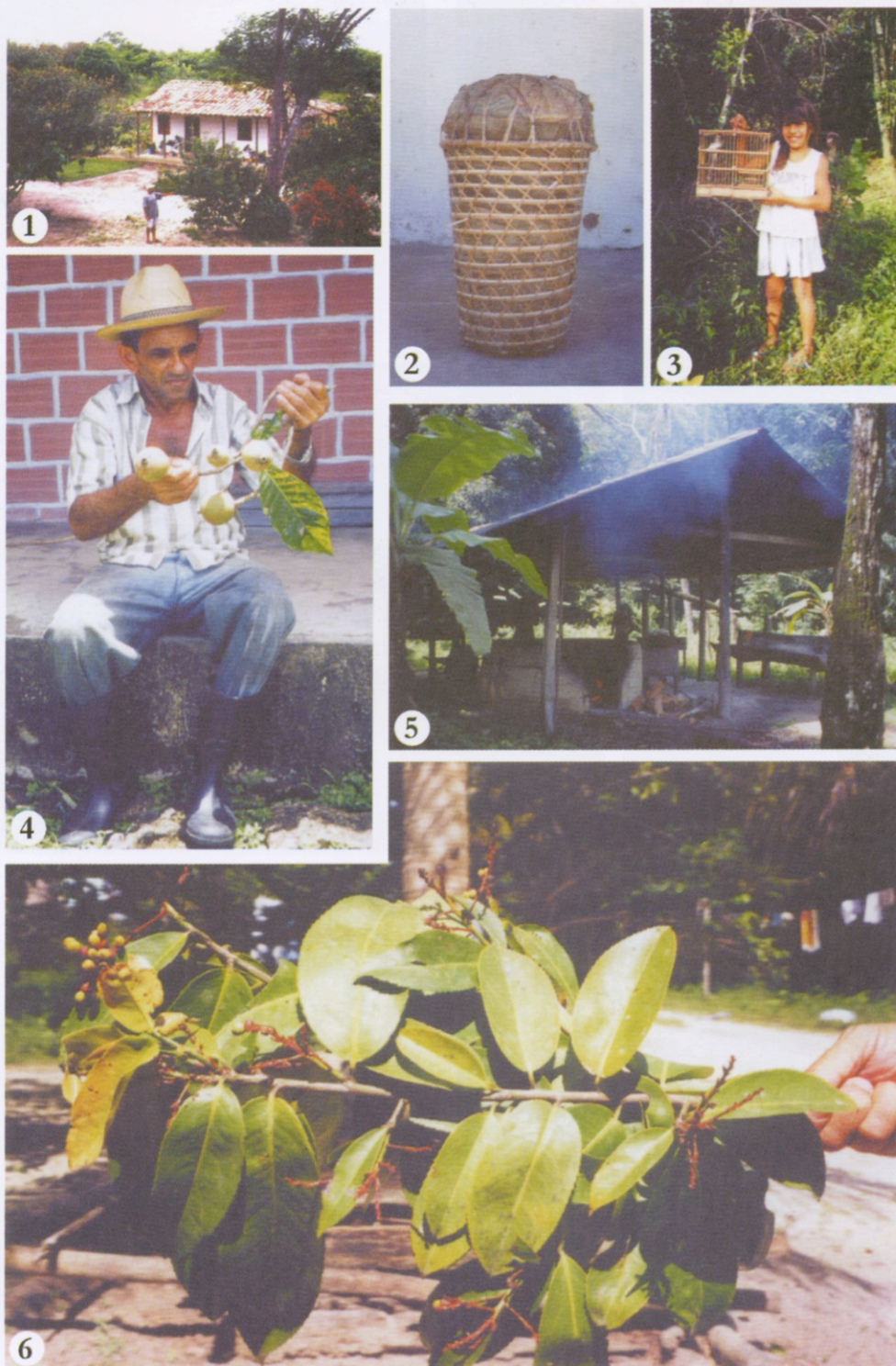
- Pedicelo:** haste de sustentação que prende a flor ou fruto ao ramo ou caule.
- Pedúnculo:** o mesmo que pedicelo.
- Peito aberto:** enfermidade que se manifesta com dor no peito, debilidade, moleza e emagrecimento, sendo causada por carregar muito peso.
- Perenifólia:** planta que não passa pelo processo de perder as folhas, em determinada época do ano.
- Pontiagudo:** que termina em bico, pontudo.
- Púrpura:** vermelho escuro para violeta.
- Pubescentes:** que apresenta tricomas.
- Racemosa:** em forma de cacho.
- Reniforme:** em forma de rim.
- Resinosa:** que exsuda uma substância líquida ou gelatinosa.
- Sapopema:** raízes em forma de tábuas, parecendo que é o tronco que se alarga.
- Secreta:** elimina uma substância líquida ou gelatinosa.
- Terminal:** diz-se para a posição dos órgãos vegetais no final do ramo.
- Tricomas:** estruturas parecendo pêlos.
- Trifoliolada:** folha composta que apresenta três folíolos.
- Umbeliforme:** em forma de guarda-chuva, ou seja, todas as flores partem do mesmo ponto.
- Verticiladas:** três ou mais folhas em cada nó.

Bibliografia citada

- ANDEL, T.R van. 2000. Non-timber forest products of the North West District of Guyana. Part II. Tropenbos-Guyana Programme. Georgetown, Guyana. **Tropenbos-Guyana Series 8b: 1-341.**
- BALÉE, W. 1987 Cultural forests of the Amazon. **Garden 11(6): 12-14.**
- BERG, E. van den. 1993. **Plantas medicinais na Amazônia.** Coleção Adolpho Ducke. Museu Paraense Emílio Goeldi. Belém. 206 pp.
- CAVALCANTE, P.B. 1991. 5ª Ed. **Frutas comestíveis da Amazônia.** Museu Paraense Emílio Goeldi. Belém. 279 pp.
- CUNHA, A.G. da. 1998. **Dicionário histórico das palavras portuguesas de origem Tupi.** Melhoramentos e Editora UnB. Brasília. 357 pp.
- DENICH, M. 1986. A vegetação da Amazônia Oriental com ênfase na vegetação antrópica. In: Pesquisas sobre utilização e conservação do solo na Amazônia Oriental, Embrapa-CPATU. Belém. **Documentos 40: 43-69.**
- DENICH, M. 1991. **Estudo da importância de uma vegetação secundária nova para o incremento da produtividade do sistema de produção na Amazônia Oriental brasileira.** Embrapa-CPATU e GTZ. Belém. 284 pp.
- DENICH, M.; KANASHIRO, M. 1995. Secondary vegetation in the agricultural landscape of Northeast Para, Brazil. En: PARROTA, J.A. y M. KANASHIRO (Eds.), **Management and rehabilitation of degraded lands and secondary forests in Amazonia: Proceedings of an International Symposium.** USDA-Forest Service, Embrapa-CPATU e IBAMA. Belém. Pp.12-21.
- EMBRAPA-IPEAN. 1975. **Zoneamento agrícola da microregião 24.** IPEAN. Belém. 189 pp.
- FALESI, I.C.; VIEIRA, L.S.; SANTOS, W.H.P. dos; OLIVEIRA FILHO, J.P.S. 1967. Levantamento de reconhecimento dos solos da Região Bragantina, Estado do Pará. **Pesquisa Agropecuária Brasileira 2: 1-63.**
- FORD, R.I. 1978. Ethnobotany: Historical diversity and synthesis. En: FORD, R.I. (Ed.), **The Nature and Status of Ethnobotany.** Annals of Arnold Arboretum. Museum of Anthropology, University of Michigan. Michigan. **Anthropological Papers 67: 33-49.**
- GRENAND, P.; MORETTI, C.; JACQUEMIN, H. 1987. **Pharmacopées traditionnelles en Guyane.** ORSTOM. Paris. 569 pp.
- HONDERMANN N., J.B. 1995. **Fitomassa e estoque de bioelementos das diversas fases da vegetação secundária, provenientes de diferentes sistemas de uso da terra no nordeste paraense, Brasil.** Dissertação de Mestrado. Centro de Ciências. Museu Paraense Emílio Goeldi. Belém. 185 pp.
- IBGE (Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística). 1983. Bragança, Norte, Pará. **Coleção de Monografias Municipais Nova Série 17: 1-16.**

- LACAZE, D; ALEXIADES, M.N. 1995. **Salud para todos: Plantas medicinales y salud indígena en la cuenca del río Madre de Dios, Perú. Un manual práctico.** FENAMAD e CBC. Cusco. 296 pp.
- MILLIKEN, W; MILLER, R.P.; POLLARD, S.R.; WANDELLI, E.V. 1992. **Ethnobotany of the Waimiri Atoari indians of Brazil.** Royal Botanic Gardens, Kew. Kew. 146 pp.
- MING, L.C.; GAUDÊNCIO, P; SANTOS, V.P. dos. 1997 **Plantas medicinais: Uso popular na Reserva Extrativista "Chico Mendes"-Acre.** CEPLAM e UNESP. Botucatu. 165 pp.
- MORI, S.; PRANCE, G.T. 1990. **Lecythidaceae. Part II.** The New York Botanical Garden. New York. **Flora Neotropica 21(II): 1-376.**
- PENTEADO, A.R. 1968. **Problemas de colonização e de uso da terra na região bragantina do Estado do Pará.** Junta de Investigações do Ultramar. Lisboa. 216 pp.
- REIS, J.J. dos. 1992. Bragança: 379 anos. **O imparcial, informativo bragantino 1(16): 5-6.**
- RIBEIRO, J.E.L. da S.; HOPKINS, M.J.G.; VICENTINI, A.; SOTHERS, C.A.; COSTA, M.A. da S.; BRITO, J.M. de; SOUZA, M.A.D. de; MARTINS, L.H.P.; LOHMANN, L.G.; ASSUNÇÃO, P.A.C.L.; PEREIRA, E. da C.; SILVA, C.F. da; MESQUITA, M.; PROCÓPIO, L.C. 1999. **Flora da Reserva Ducke. Guia de identificação das plantas vasculares de uma floresta de terra-firme na Amazônia Central.** Instituto Nacional de Pesquisas da Amazônia. Manaus. 816 pp.
- RODRIGUES, R.M. 1989. **A flora da Amazônia.** CEJUP. Belém. 462 pp.
- SCHULTES, R.E. 1983. **De plantis toxicaris e mundo novo tropicale, commentationes XXXII.** Notes, primarily on field tests and native nomenclature, on biodynamic plantas of the northwest Amazon. **Bot. Mus. Leafl. Harv. Univ. 29(3): 251-272.**
- SHANLEY, P. 2000. **The changing use, ecology and value of non-timber forest resources for caboclo communities in Eastern Amazonia.** Teses de Ph.D. The Durrell Institute of Conservation and Ecology, University of Kent at Canterbury, Grã-Bretanha. 214 pp.
- SHANLEY, P.; CYMERYYS, M.; GALVÃO, J. 1998. **Frutíferas da mata na vida amazônica.** Editora Supercoros. Belém. 125 pp.
- SILVA, M.F. de; LISBOA, P.L.B.; LISBOA, R.C.L. 1977 **Nomes vulgares de plantas amazônicas.** INPA. Belém. 222 pp.
- SOUZA FILHO, P.W.M. 1995. **A planície costeira bragantina (NE do Pará): Influência das variações do nível do mar na morfoestratigrafia do nível do mar na morfoestratigrafia costeira durante o Holoceno.** Dissertação de Mestrado. Centro de Geociências, Universidade Federal do Pará. Belém. 123 pp.

Cenas do cotidiano



1. Casa do Sr. Raimundo Ribeiro de Brito e sua família com capoeira no fundo; 2. Paneiro feito de guarimã (*Ischnosiphon arouma* (Aubl.) Körh.); 3. Gaiola feita de caranã (*Mauritia armata* Mart.), inajá (*Attalea maripa* (Aubl.) Mart.) e taboquinha (*Lasiacis ligulata* Hitchc & Chase); 4. Sr. Dorival Risuenho Quadros examinando frutos de jenipapo (*Genipa americana* L.); 5. Casa da farinha mostrando forno; 6. Ramo de pau-de-serra (*Ouratea castaneifolia* (DC.) Engl.) o qual tem madeira usada como lenha. Fotos de Montserrat Rios.



1. Casa da Sra. Marcelina Borges de Assis, mãe de 14 filhos; 2. Sr. José Ribamar da Silva aplicando leite de pocoró (*Tabernaemontana angulata* Mart. ex Müell.Arg.) no pé ferido de uma menina; 3. Cará (*Dioscorea* sp.), erva trepadeira que possui um tubérculo comestível; 4. Sra. Marcelina Borges de Assis cuidando das plantas do canteiro; 5. Sra. Marluce Fátima Costa de Brito e seus filhos preparando vinho de buriti (*Mauritia flexuosa* L. f.); 6. Sr. Raimundo Tomás Ribeiro (84 anos) e sua esposa Sra. Gertrudis M. da Silva (83 anos) examinando língua-de-vaca (*Elephantopus mollis* Kunth). Fotos de Montserrat Rios.

CIFOR

O CIFOR foi estabelecido em 1993 como parte integrante do Grupo Consultivo de Pesquisa Agrícola Internacional (CGIAR, do inglês *Consultative Group on International Agricultural Research*) em resposta às preocupações globais com as conseqüências sociais, ambientais e econômicas da perda e degradação de florestas. A pesquisa do CIFOR produz o conhecimento e os métodos necessários para se melhorar o bem-estar de povos que dependem da floresta e para ajudar países tropicais a manejar suas florestas sabiamente, a fim de que possam usufruir de seus benefícios de forma duradoura. A pesquisa é feita em mais de vinte países, em cooperação com um grande número de parceiros. Desde a sua fundação, o CIFOR desempenhou um papel central ao influir nas políticas florestais globais e nacionais.

O sistema CGIAR

O Grupo Consultivo de Pesquisa Agrícola Internacional (CGIAR), estabelecido em 1971, é uma associação informal de quase 60 doadores do setor público e privado que apoia uma rede de 16 centros internacionais de pesquisa agrícola. A missão do CGIAR é contribuir para a segurança alimentar e a erradicação da pobreza nos países em desenvolvimento através de pesquisa, parcerias, capacitação e apoio a políticas públicas. O CGIAR promove o desenvolvimento sustentável agrícola baseado no manejo ecologicamente viável dos recursos naturais.

A história ecológica da Amazônia revela que a vegetação secundária, em cada uma de suas diferentes etapas (capoeirinha, capoeira e capoeirão) tem sido, altamente, utilizada pelas populações humanas residentes nessa região, provendo plantas comestíveis, medicinais, têxteis, tóxicas, taníferas, ornamentais e rituais que auxiliam na subsistência, as quais proporcionam inúmeros produtos, como frutos, tubérculos, látex, óleos, fibras, resinas, gomas, bálsamos, condimentos, ceras e celulose.

Dentro desse contexto o futuro confirmará o verdadeiro potencial social, econômico e ambiental da vegetação secundária, pois seu manejo sustentado proporcionará grandes benefícios para as comunidades de pequenos agricultores, justificando, assim, sua manutenção por maior tempo e conscientizando as futuras gerações do valor que tem, em pé e viva.

ISBN 85-88808-01-3



DFID Department for International Development

Embrapa

Amazônia Oriental

